



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

LUDIMILA DE SOUSA BAÍA

**EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Análises na EMEF Carmem Valente
da Silva, em Jacareacanga- Pará.**

LUDIMILA DE SOUSA BAÍA

**EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Análises EMEF Carmem Valente da
Silva, em Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para obtenção
do título de Licenciatura Plena em Pedagogia da
Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA
2019

BAÍA. Ludimila de Sousa.

EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Análise na EMEF Carmem Valente da Silva, em Jacareacanga- Pará. CLPL da FAI, 2017: CLPL da FAI, 2019.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

74 fls.

I EJA. Evasão. Conhecimento. II Lucia Maria da Costa Cruz- Faculdade de Itaituba-FAI- Itaituba- Pará- BR-PA, 2019.



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI**

Av. Dr. Governador Fernando Guilhon, 4^a. Rua
Cidade Alta, Bairro Jardim das Araras
68180-110 - Itaituba-Pará.
Telefone (93)3518-4320/ Fax: (93)3518-4319.
Site: www.unifait.edu.br /E-mail: fai@unifait.edu.br

ACADÊMICA: LUDMILA DE SOUSA BAÍA

EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Análises na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente da Silva, em Jacareacanga- Pará.

Monografia de Graduação apresentada para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ Nota: _____
Prof. Prof.^a Antônia Vanda dos Santos Leite, Esp.

Avaliador 2: _____ Nota: _____
Prof.^a. Raimunda Bentes, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 09 de Março de 2019.

Dedico este Trabalho, primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, ao meu pai Luiz Baía e minha mãe Fausta de Souza; e a minha filha Anna Luíza. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter-me dado saúde e força para superar as dificuldades;

À esta universidade, ao seu corpo docente, à direção e administração, que oportunizaram “a janela” que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes;

À minha orientadora Lucia Maria da Costa Cruz, pelo suporte, paciência, pela sua assistência e incentivos;

Ao professor Dr. Francisco Claudio da Silva Sousa, coordenador do curso de Pedagogia da FAI, pela dedicação e por todo o suporte necessário a cada acadêmico;

Aos meus familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional;

À minha filha Anna Luíza Baía, que mesmo pequena entendeu que eu precisava me ausentar para estudar;

Ao meu companheiro Gilmar da Silva, que foi um grande parceiro ao meu lado, sem você seria tudo mais difícil;

Sou grata aos professores que foram muito importantes na minha vida acadêmica;

Agradeço pelo apoio recebido da minha amiga Natasha de Jesus Loiola e a todos os amigos e colegas pela força e torcida para que tudo desse certo.

“Mudar é difícil; mas, é possível”.
Paulo Freire

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso realizado na EMEF Carmem Valente da Silva em Jacareacanga-Pará, foi desenvolvido através de investigação em forma de pesquisa com abordagem qualitativa em outubro de 2018; e questionários individuais para as entrevistas com professores e alunos da referida instituição, onde analisa-se os desafios da evasão escolar de alunos da EJA. Foi necessário um levantamento teórico dos principais autores que abordam esse tema (BRASIL, 2007); (CARVALHO, 2011); (DELORS, 2011); (FERNANDEZ, 2011); (FREIRE, 1996), dentre outros. Foram elaboradas algumas questões norteadoras do trabalho, que consistem em: Quais as principais causas que induzem os alunos abandonarem os estudos? Quais metodologias de ensino são utilizados para as aulas da EJA? Quais os desafios dos professores com relação à evasão escolar na EJA? Assim, verificou-se que os maiores desafios da EJA na escola, consistem cansaços devido jornadas de trabalhos para que possam sustentar as famílias, até o uso de entorpecentes; como também gravidez precoce que impossibilita a continuidade de seus estudos. Para tanto, utilizou de análise e coleta de dados, discussões e comentários, propostas contribuintes para o trabalho do professor, a conclusão e referenciais bibliográficos diversos.

PALAVRAS- CHAVE: EJA. Evasão. Conhecimento

ABSTRACT

The present Work of Conclusion of Course realized in the Emem Carmem Valente of Silva in Jacareacanga-Pará, was developed through investigation in form of research with qualitative approach in October of 2018; and individual questionnaires for the interviews with teachers of this institution, where the challenges of school dropout of students of the EJA are analyzed. It was necessary a theoretical survey of the main authors that approach this theme (BRASIL, 2007); (CARVALHO, 2011); (DELORS, 2011); (FERNANDEZ, 2011); (Freire, 1996), among others. Some work guiding questions have been elaborated, which consist of: What are the main causes that induce students to drop out? What teaching methodologies are used for EJA classes? What are the challenges faced by teachers in relation to school drop out in the EJA? Thus, it was verified that the greatest challenges of the EJA in the school, are tiredness due to working days so that they can support the families, even the use of drugs; as well as an early pregnancy that makes it impossible to continue their studies. For that, it used analysis and data collection, discussions and comments, contributing proposals for the teacher's work, the conclusion and several bibliographic references.

KEYWORDS: EJA. Evasion. Knowledge.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Para você, quais as vantagens da Educação para Jovens e Adultos?	54
QUADRO 02	Quais os desafios de trabalhar nesta Modalidade de Ensino? ..	56
QUADRO 03	Quais as principais causas que induzem os alunos a abandonarem os estudos?	57
QUADRO 04	Quais os desafios dos professores com relação à Evasão Escolar na EJA?	58
QUADRO 05	Trace o perfil do aluno da EJA.....	58
QUADRO 06	Quais metodologias você utiliza para as aulas da EJA?	59
QUADRO 07	Do seu ponto de vista, quais medidas são viáveis para evitar a evasão escolar na EJA?	60
QUADRO 08	Por que você estuda na Educação para jovens e Adultos?	61
QUADRO 09	Já pensou em desistir de seus estudos? Por quê?.....	62
QUADRO 10	Para você, quais as maiores dificuldades de estudar na EJA?..	63
QUADRO 11	E os benefícios que a educação nesta modalidade lhe proporciona?	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	14
1.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.	14
1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E PROGRAMAS PARA A EJA	21
1.3 FORMAÇÃO DO EDUCADOR DA EJA	26
1.4 PERFIL DO ALUNO DA EJA	30
2 CAUSAS DA EVASÃO NA EJA: REFLEXO SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	34
2.1 EXPECTATIVAS E DESAFIOS DO ALUNO DA EJA	34
2.2 FATORES CONTRIBUINTE PARA A EVASÃO DA EJA	39
2.3 O DOCENTE FRENTE ÀS PROPOSTAS DA EJA	44
2.4 A APRENDIZAGEM DO ALUNO DA EJA	48
3 EVASÃO ESCOLAR NA EJA: ANÁLISES NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CARMEM VALENTE DA SILVA	52
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	52
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA	54
3.4 RESULTADO DA PESQUISA	54
3.4.1 O que falam os professores	54
3.4.2 O que dizem os alunos	61
3.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	65
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE	72

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- FAI, intitulado “Evasão na EJA”, na EMEF Carmem Valente em Jacareacanga- Pará; foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica com teóricos que abordam a temática como (BRASIL, 1998); (CARVALHO, 2011); (DELORS, 2001); (FREIRE, 1996); (GADOTTI, 2008), dentre outros presentes na fundamentação teórica. Também foi realizada uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, com professores da referida escola e alunos que estudam na modalidade EJA, no período de Outubro de 2018.

O trabalho objetiva analisar o processo de aprendizagem dos alunos da EJA, identificando os fatores que contribuem para a evasão e que impedem os mesmos concluírem seus estudos, tornando-se um desafio para os professores e alunos. Teve como questões norteadoras, as seguintes perguntas as quais integraram os questionários: Quais as principais causas que induzem os alunos abandonarem os estudos? Quais metodologias de ensino são utilizadas para as aulas da EJA? Quais os desafios dos professores com relação à evasão escolar na EJA?

Para se chegar aos resultados, utilizou-se de ferramentas como coletas e análises das respostas dos entrevistados, como também as devidas discussões e comentários, a sugestão de propostas contribuintes para facilitar o trabalho do professor e evitar a evasão na modalidade, como também a conclusão de todo o trabalho e as referências bibliográficas.

Através das investigações, trabalho percebeu-se que a evasão escolar na modalidade EJA ocorre continuamente, devido a vários fatores que contribuem para o evento, a partir do cansaço e dificuldades de chegar até à escola, ao uso de drogas.

O referido trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro, enfatiza a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, sua trajetória histórica, as políticas públicas e programas para a EJA; a formação do educador da modalidade e o perfil do aluno.

O segundo capítulo ressalta as causas da evasão na EJA e o reflexo sobre os processos de ensino e aprendizagem; as expectativas e desafios do aluno, os fatores contribuintes para a evasão da Educação para Jovens e Adultos; o docente frente às propostas e a aprendizagem do aluno da EJA.

O terceiro capítulo traz o resultado da investigação, com a caracterização da escola pesquisada, os procedimentos metodológicos, os perfis dos entrevistados, o resultado da pesquisa, abordando “o que falam os professores” e o que dizem os alunos”, com as propostas contribuintes sugeridas, a conclusão de toda a investigação.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

1.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

A história da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no Brasil é permeada pela trajetória de ações e programas destinados à Educação Básica e, em particular, aos programas de alfabetização para o combate ao analfabetismo, explicitamente, este trabalho consistia em um caráter puramente religioso que de certa forma educava, mas não formava um cidadão crítico, ou seja, estava longe de ser educacional, no sentido mais amplo deste termo.

Há que se ressaltar a fragilidade da educação ou do sistema de conclusão de ensino se assim pode ser chamado naquele período, considerando que a educação não era responsável pelo aumento da produtividade, pois esta se dava a partir do aumento do número de escravos, que refletia o descaso da dirigente com a educação.

Várias reformas educacionais da época do Brasil império preconizava que deveria haver classes noturnas de ensino elementar para adultos analfabetos. Entretanto, referências mais concretas sobre o ensino noturno para a população adulta datam do relatório apresentado pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo no qual informava duzentos mil alunos que frequentavam a escola, em 1876, evidenciada a disfunção, na época do ensino noturno para os adultos (CUNHA, 1999, p.10).

O citado discorre que existia um número elevado de pessoas analfabetas, e por esse motivo deveria existir urgentemente o ensino noturno para alfabetização dos adultos que não tiveram acesso ao estudo na idade certa. No entanto, essa não era uma prioridade na época, Faz-se necessário o desenvolvimento de sujeitos reflexivos e ativos sobre o mundo, que ao se tornarem cidadãos autênticos possam vivenciar os direitos e deveres compartilhados de forma equitativa por uma população.

Sendo assim, a educação como propulsora da cidadania, constitui-se em vários processos que se articulam dialeticamente, uma vez que está além dos conhecimentos informais ou científicos, compreende também as construções afetivas, relacionais e criativas e desenvolve o sujeito integralmente.

Em 1854 surgiu à primeira escola noturna no Brasil, cujo intuito era de alfabetizar os trabalhadores analfabetos, expandindo-se rapidamente até 1874 já existiam 117 escolas, sendo que as mesmas possuíam fins específicos como por exemplo: no Pará, para a alfabetização dos indígenas e no maranhão para esclarecer colonos de seus direitos e deveres (PAIVA, 1973 *apud* FRIEDRICH *et al*, 2010, p. 394).

De acordo com o autor pode-se observar que a necessidade de alfabetizar os adultos trabalhadores era urgente, pois, não tinham nem mesmo o direito de votar, o número de analfabetos aumentava, por isso o ensino noturno expandira-se rapidamente, dessa forma poderiam conhecer seus direitos, deveres e exercer a cidadania.

Nos anos de transição do Império-República (1887-1897), a educação foi considerada como “redentora dos problemas da nação. Houve a expansão da rede escolar, e as ‘ligas contra o analfabetismo’, surgidas em 1910, que visavam a imediata supressão do analfabetismo, vislumbrando o voto do analfabeto”, de acordo com (PAIVA, 1973 *apud* FRIEDRICH *et al*, 2010, p. 394).

A partir de então, a educação vinha sendo vista como solução para muitos problemas na sociedade, especialmente na política, desta forma o cidadão poderia votar, por isso, o interesse maior em alfabetizar a população inserindo assim metas e programas. A educação de jovens e adultos é parte integrada de um projeto sociopolítico global e parte do processo global de formação e capacitação popular. Almeja-se uma educação capaz de construir para formação de homens e mulheres dotados de consciência social e de responsabilidades.

No começo da década de 30, a alfabetização de adultos juntou-se aos movimentos estudantis e sindicais, e a questão do analfabetismo passou ser vista como consequência direta da pobreza e de uma política de manutenção de desigualdade. Foi então neste contexto que as ideias de Paulo Freire ganharam dimensão nacional, uma vez que pregava a proposta de uma alfabetização inovadora voltada para a libertação de homens e mulheres capazes de transformar a realidade social.

Quando começaram as primeiras iniciativas governamentais para lidar com o analfabetismo entre adultos, entendia-se que o seu fim seria fundamental para o crescimento econômico do país. O analfabetismo era visto com um mal social e o analfabeto como um sujeito incapaz.

BRASIL (1997, p.19) informa na Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino fundamental de Educação de Jovens e Adultos, “que a educação básica de adultos começou a delimitar seu lugar no Brasil a partir da década 30, quando finalmente começa a se consolidar no sistema público elementar do País”. Neste

período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associada ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos.

A oferta do ensino básico gratuito se estendia consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo governo federal, que traçava diretrizes e metas educacionais para todo país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios. Tal movimento inclui também esforços articulados nacionalmente de extensão de ensino elementar aos adultos, especialmente nos anos 40.

Foi nesse contexto que as ideias de Paulo Freire ganharam dimensão nacional. Sua proposta inovadora pregava a necessidade de uma alfabetização voltada para a libertação, para a conscientização dos homens e mulheres como sujeitos capazes de transformar a realidade social. A educação passou a ser entendida como um ato político (BRASIL, 2012, p.26).

Ressalta-se que, no momento houve uma grande preocupação por parte do governo, pois, existia um grande número de pessoas analfabetas no país. Diante deste acontecimento houve uma campanha nacional de massa, que ficou conhecida como a campanha de educação de jovens e adultos, lançada no ano de 1947. Onde o governo lança a 1ª campanha de alfabetização com o objetivo de alfabetizar em três meses.

Segundo Paiva (1987, p.57), a 1ª Campanha foi lançada por dois motivos: o primeiro era o momento pós-guerra que vivia o mundo, que fez com que as Organizações das Nações Unidas (ONU) incumbissem uma série de recomendações aos países, entre estas, a de um olhar específico para a educação de adultos. O segundo motivo foi o fim do Estado Novo, que trazia um processo de redemocratização, que gerava a necessidade de ampliação do contingente de eleitores no país.

Ainda, no momento do lançamento da 1ª Campanha, a Associação de Professores do Ensino Noturno e o Departamento de Educação preparavam o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos. Pois, seguiria uma etapa de “ação em profundidade”, voltada para a capacitação profissional e o desenvolvimento comunitário.

Nos primeiros anos, sob a direção do professor Lourenço Filho, a campanha conseguiu resultados significativos, articulando e ampliando os serviços já existentes e estendendo-os às diversas regiões do país. Num curto período de tempo foram

criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas administrativas, de profissionais e voluntários. O clima de entusiasmo começou a diminuir na década de 50, iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso e a campanha se extinguiu antes do final da década.

Nessa época, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro. Além disso, o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicologicamente e socialmente, submetido à menoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado (CUNHA, 1999, p. 48).

Percebe-se que as autoridades não estavam preocupadas com o aprendizado dos alunos, queriam somente que exercessem a cidadania, dessa maneira, eles seriam os maiores beneficiados. Ou seja, o poder público não se preocupava de fato com a educação dos cidadãos, agia em benefício próprio.

Esta crítica que até então fora direcionada na educação de Adultos, focalizando o analfabetismo sob novas perspectivas, o plano piloto da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (Cena), afirmava não ser mais possível empreender movimentos com objetivos iguais aos propostos pelos sistemas de ensino do século XIX, para simplesmente dotar a população à mera capacidade de ler.

Nesse contexto, Paulo Freire não era um mero espectador da história do seu povo de modo que suas ideias trazem claras e explícitas as marcas da experiência vivida pelo Brasil nessas últimas décadas. Ele soube reconhecer com clareza as prioridades nesta etapa crucial assinalada pela política das classes populares e pela crise das elites dominantes.

No final dos anos 50, as proposições de Freire demarcaram uma revolução conceitual na área da Educação de Jovens e Adultos, sendo coordenador do Plano Nacional de Alfabetização, em 1958, evento que veio a se constituir um marco histórico para a área. Não é possível discutir sobre essa modalidade sem este educador e suas ideias que contribuíram e contribuem até nos dias atuais para uma educação de qualidade.

Desse modo, Freire tinha sua concepção de alfabetização como ato de conhecimento criador, e o alfabetizando como sujeito do seu próprio processo de alfabetização. Nesse sentido, foi possível desenvolver o seu método tendo como ponto de partida a realidade dos sujeitos, e como metodologia o diálogo e como ponto de chegada, a conscientização e a intervenção no sentido de transformação da

realidade. Acreditava que “a educação de jovens e adultos é um processo discursivo-dialógico. Pauta-se nas relações interpessoais dialógicas, na interatividade da relação educador-educando e dos seus educandos entre si”. (SANTOS, 2013, p. 11).

Os Estados e Municípios são considerados os agentes públicos responsáveis a desenvolver programas de alfabetização e ensino fundamental e médio para jovens e adultos. Assumem esta modalidade de educação como um compromisso social e criam condições para seu desenvolvimento, com a estruturação de setores para a organização de suas ações.

O capítulo dedicado a EJA no PNE aprovado pelo Congresso na forma da Lei n.10.172/2001 teceu um diagnóstico que reconheceu a extensão do analfabetismo absoluto e funcional e sua desigualdade distribuição entre as zonas rural e urbana, as regiões brasileiras, os grupos de idade, sexo etnia (DI PIERRO, 2001, p. 44).

Desde então que os Estados assumem as responsabilidades com os financeiros da educação da EJA, definindo metas a serem alcançadas mesmo sem a participação da comunidade como cita BRASIL (1998, p.25), que em 2004, já sob o governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, é criado a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), tendo como responsabilidade traçar diretrizes políticas e pedagógicas para a EJA.

De acordo com Di Pierro (2001, p. 954), embora mencionasse a necessidade do corpo docente, o Plano previa apenas que os estados mantivessem programas de formação de educadores para atuar na alfabetização e séries iniciais da EJA. Perdeu-se assim, a oportunidade de convocar as instituições de ensino superior a se engajar na formação continuada de docentes que atuam em projetos comunitários e nas redes públicas de ensino.

No decorrer da segunda metade da década de 1990, entretanto, o território concreto da formação e implementação das políticas governamentais no Brasil mostrou-se bastante problemático para a Eja [...] O presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) induziu a manipulação e focalizou o investimento público no ensino fundamental de crianças e adolescentes, mediante a criação, em 1996, de fundos de financiamentos em cada uma das unidades da Federação (DI PIERRO, 2001, p. 94).

Os exames supletivos, definidos pela legislação, poderiam ser realizados ao nível de conclusão do ensino de 1º grau, para os alunos maiores de 18 anos de idade e ao nível de conclusão de 2º grau para os maiores de 21 anos. A responsabilidade

pela realização dos exames ficava a cargo dos respectivos estabelecimentos oficiais ou reconhecidos, indicados anualmente pelos Conselhos de Educação e os certificados de aprovação dos exames supletivos eram expedidos pelas instituições mantenedoras.

O percurso da Educação de Jovens e Adultos no Estado do Pará foi um processo que aconteceu de forma criteriosa. Segundo Di Pierro (2001:94), essa fase ocorreu em 1996, quando foi instituído a LDB nº 9.394 que distribuiu a responsabilidade pública pela manutenção e desenvolvimento entre as três esferas do governo.

Com o surgimento dessa Lei coube prioritariamente aos Estados e Municípios, integrar programas de educação básica de jovens e adultos, com o apoio técnico e financeiro suplementar da União, normatizando a obrigatoriedade e a gratuidade do Poder Público em oferecer o ensino fundamental aos jovens e adultos. No artigo 4º, VII da LDB afirma. Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos com características e modalidades adequados as suas necessidades e disponibilidades garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência nas escolas. (LDB 2012, p. 20).

Assim a história da EJA no Brasil foi moldada por fatores culturais, políticos e econômicos, sempre a serviço dos interesses neoliberais e da minoria dominante dos que se encontram no poder. É notório que nesta fase da história da Educação brasileira, a EJA possui um foco amplo; para haver uma sociedade igualitária e uma Educação eficaz é necessária que todas as áreas da Educação sejam focadas e valorizadas. Não é possível desvencilhar uma da outra. Por esses e outros motivos que manter os alunos adultos na escola é um desafio ainda, pois, muitos deles nunca estudaram e, portanto, não estão acostumados com dinâmicas do ensino.

[...] Uma concepção simplista e facilista da alfabetização, vista como um processo que pode ser realizado em pouco tempo, em condições precárias, com educadores em ou mínima capacitação, com métodos únicos, escassos materiais de leitura e escrita pouco aproveitamento das modernas tecnologias; e sem levar em conta a diversidade linguística e cultural dos educandos (GLEADE, 2009, p. 42).

Afirma a autora que é um desafio fazer acontecer uma educação de qualidade, com a inexistência de programas de capacitação para os docentes ou até mesmo materiais adequados para os alunos, acrescido ainda da diversidade linguística

pluricultural dos alunos adultos. O educador deve facilitar o processo de ensino e aprendizagem levando o alunado a uma concepção diferenciada de educação, entendendo que podem ir além fazer pesquisas, ultrapassarem o medo á insegurança, entender o ser social agindo inserindo-se a sociedade através do processo educativo.

Atualmente, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que abrange dimensões que ultrapassam á questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever.

Após o golpe militar que acabou com os movimentos políticos de alfabetização e cultura popular criou-se uma nova proposta de educação o MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização, o qual foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Os militares tinham todo o controle do que seria ensinado. Suas ações de alfabetização começaram a ter ênfase no fim de 1970, quando seus projetos foram iniciados em grande escala. Seu objetivo era erradicar o analfabetismo no Brasil em um curto espaço de tempo, objetivando a erradicação do analfabetismo. Segundo Jannuzzi (1979), a documentação do MOBRAL conceituava educação:

Como o processo que auxilia o homem a explicitar suas capacidades, desenvolvendo-se como pessoa que se relaciona com os outros e com o meio, adquirindo condições de assumir sua responsabilidade como agente e seu direito como beneficiário do desenvolvimento econômico, social e cultural. (JANNUZZI, 1979, p. 91)

Assim, trabalhar na educação para formação dos adultos precisa de uma reflexão crítica sobre a forma de motivar e envolver o cidadão para continuar em sala de aula mesmo com todas as suas diferenças e dificuldades, tendo também uma visão ampla sobre a escola; e principalmente as diversidades culturais que estarão inseridas no contexto.

A Educação de Jovens e Adultos, parte do princípio de que a constituição de uma educação básica deve ser voltada para a cidadania. Essa construção não se resolve apenas garantindo a viabilização de vagas, mas, principalmente oferecendo-se um ensino de qualidade, oferecido por professores aptos a congregar em seu trabalho as inovações nas distintas áreas de conhecimento e de incorporar as mudanças sociais e a suas consequências na esfera escolar. Portanto, atualmente, a

EJA é uma modalidade de ensino, com funções reparadora, e com princípios diferença e proporção.

1.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E PROGRAMAS PARA A EJA

A legislação brasileira ampara a EJA como sendo uma modalidade específica para Jovens e Adultos, a qual se destina para completar o ensino fundamental ou ensino médio, dando oportunidades aos indivíduos que não concluíram esta etapa educacional, onde visa que os mesmos tenham uma melhor oportunidade de emprego.

Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 37, acrescenta que a Educação de Jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.

§ 1º- Os Sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens aos adultos, que não puderam efetuar o estudo na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características dos alunados, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames;

§ 2º - O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1988, s/p)

Sabe-se que a educação não visa desenvolver somente o lado disciplinar, mas também, tem como objetivo a socialização do sujeito, fazendo com que esse sujeito tenha mais vontade de compartilhar momentos com outros, seja no trabalho, com a família, amigos e entre outros que façam parte do seu ciclo social. Através dessa aprendizagem faz com que a pessoa sinta desejo de buscar ainda mais conhecimentos, fortalecendo assim seu intelecto.

As escolas que possuem o curso de Educação de Jovens e Adultos devem oferecer aos educandos a probabilidade de ampliar as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, bem como a possibilidade de aumentar a consciência em relação à interação com o mundo, desenvolvendo a capacidade de participação social, no exercício da cidadania. Ao estabelecer o ato criativo, o ensino da Arte representa-se como indispensável no universo da Educação de Jovens e Adultos, visto que, o conhecimento tem uma atitude de busca de sentido, criação, inovação do ser humano.

Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular; § 1º- Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão; I- No nível de conclusão do Ensino Fundamental, para os maiores de quinze anos; II- No nível de conclusão do Ensino Médio, para maiores de dezoito anos; § 2º- Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educados por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1988).

É importante destacar que esses programas educacionais dos grandes grupos no Brasil, são complementados em parceria com instituições públicas e, portanto, com recursos públicos. Dessa forma, esses programas vieram para amenizar o alto índice de analfabetismo no país, pois surgiram como uma nova oportunidade para os estudantes da EJA percebe-se que, de acordo com a legislação estudada, referentes à EJA, os investimentos na educação aumentaram consideravelmente, mas ainda há muito que fazer em termos de Educação de Jovens e Adultos em nosso país.

Na Educação de jovens e adultos busca-se o acesso da aprendizagem significativa integrada efetivamente à organização dos conhecimentos dos alunos e não exclusivamente a informação adquirida por memorização, pois, atualmente o enfoque é dado na aprendizagem e não no ensino. O conhecimento real tem por base aprendizagens anteriores, que são transformadas, expandidas ou recriadas através da aquisição de novas informações e de novas ponderações sobre um conceito.

Há necessidade de refletir sobre os seus próprios pontos de vista, buscando enfatizar a cultura popular, a religião, os meios de comunicação e principalmente a história de vida do indivíduo, estabelecendo a importância do sujeito histórico dentro da sociedade.

Art. 208 - O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; VI - oferta de ensino noturno regular adequado às condições do educando (Brasil, 1988).

Apesar de à educação de jovens e adultos no Brasil, vir de forma gradativamente sendo reconhecida como um direito para milhões de pessoas que não tiveram oportunidade de exercer seu direito de ir à escola em meados do século passado, esse direito só foi formalizado em lei, como como dever de oferta obrigatória

pelo Estado brasileiro, a partir da Constituição de 1988, e reafirmado pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

No período de 1993 a 1996, não existia uma política específica para o atendimento de analfabetos jovens e adultos. Porém foram criados alguns projetos que atendiam, precariamente, os alunos jovens e adultos, como foi criado pela SEMEC - Secretaria Municipal de Educação, o projeto “Salas Abertas”, cuja meta era a alfabetização de jovens e adultos. Apesar dos esforços da Secretaria, o projeto não obteve o êxito esperado.

De acordo com Santos (2013, p.10), a EJA busca inspirações na concepção libertadora de Paulo Freire. Implica, portanto um caminhar que parte da leitura da realidade, dos temas sociais de abrangência e urgência nacional e dos temas de interesse local.

A dimensão discurso-dialógica se faz presente nas diversas situações pedagógicas, pois, os mesmos poderão está praticando o discurso oral escrito, na sua forma simples de falar ou escrever na corporação do saber popular, ao lado do saber erudito e científico, na ajuda mútua entre colegas, com na intervenção do educador, que oferece informações necessárias para o avanço do desenvolvimento do educando.

De acordo com Conselho Estadual de Educação (2008), onde se lê a resolução da Lei Estadual, que ampara a Educação de Jovens e Adultos (EJA), como sendo uma modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo entre os quais é frequente a menção da necessidade de trabalho e participação na renda familiar desde a infância.

No início dos anos 90, o segmento da EJA passou a incluir também as classes de alfabetização inicial. O segmento é regulamentado pelo artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da educação (a LDB, ou lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996). É um dos segmentos da educação básica que recebe repasse de verbas do Fundo de Educação (HADDAD, 2013, p.112).

Diante disto, devido aos esforços de pessoas preocupadas em mudar o vergonhoso índice de analfabetismo no Brasil e com o intuito de reduzi-lo, são apresentados os programas para a educação de jovens e adultos. Araújo (2006, p. 25) comenta: “Um programa que merece destaque no cenário da Educação de

Jovens e Adultos é o Programa Alfabetização Solidária, lançada na capital Portugal, Natal, em 1996 durante Seminário Nacional de Educação de Jovens e Adultos e foi pouco discutido na sociedade”. Esse Programa ainda em execução tem por objetivo alfabetizar jovens e adultos em cinco meses. É financiado pelo governo em parceria com universidades e empresas privadas.

Embora o percurso do programa para o estágio apresentado não tenha galgado uma trajetória não linear, permitindo, desta forma, até os dias atuais que a EJA continue ainda, ocupando um lugar secundário nas prioridades do governo.

Pouco prestigiada, mas ainda assim deteve a atenção da esfera que regulamenta a educação no país, quando foi inclusa na política de financiamento (FUNDEB) e nos programas de assistência aos estudos, mas que estão longe de atender adequadamente a clientela da EJA como: alimentação diferenciada, transporte escolar, bons livros didáticos. Assim sendo, são várias as evidências que apontam a ausência de um olhar atento para a Educação de Jovens e Adultos, pois, o que há são projetos carentes de ideias inovadoras e as que existem são pouco consensuais para a EJA.

Nesse sentido, a má gestão da política social e educacional ganha um reforço no que se refere à estagnação dos projetos voltados à EJA, seja qual for à esfera administrativa, a dimensão continental do Brasil.

A falta de unidade nas propostas governamentais se reflete na multiplicidade de iniciativas, como: Brasil alfabetizado, Programa Nacional de Inclusão de Jovens – (PROJOVEM), Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a educação básica na modalidade de EJA - (PROEJA), Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Exame Nacional de Certificação de Competências (ENCCEJA), Saberes da Terra, dentre outros (ARAUJO, 2002 *apud* PIERRO, 2005, p. 27).

Com o avanço de estudos e pesquisas sobre a educação as políticas voltadas à EJA, na gestão de outros governos, tiveram uma merecida atenção graças à implantação de vários programas voltados às pessoas do meio rural ou urbano, com consideráveis dificuldades de frequentar a escola.

O intuito do governo, que fez a vez de “pai dos desfavorecidos”, foi ofertar outras opções de estudo e qualificação aos jovens e adultos, na tentativa de dar o golpe de misericórdia no analfabetismo. Porém, toda política é flexível capaz de adequar-se às condições que os âmbitos, as quais elas, serão aplicadas. Significa

dizer que os percalços encontrados deverão ser sanados, ou contornados, ou ainda, consensualizado em prol do bem maior de uma política pública voltada à educação, ou seja, à instrução adequada para jovens e adultos.

Ferraz (2010, p. 35) fala a respeito de alguns programas destinados para a EJA que repercute também nos percursos ao longo do período, implicando duplicidade de critérios, pulverização de recursos, dificuldades de consolidação e riscos de descontinuidade. Uma vereda promissora aberta pelo Ministério da Educação (MEC) a partir de 2005 reside na articulação da elevação de escolaridade dos jovens e adultos com oportunidade de qualificação profissional através do PROEJA, que reorientou parcialmente recursos físicos e humanos pré-existentes na rede de escolas técnicas federais para grupos sociais que raramente a elas tinham acesso.

A autora ainda avalia que até o momento o programa está instalado em pequenas escolas e no censo escolar de 2008 registrou-se quase 19 mil matrículas na educação de jovens e adultos integrada ao ensino profissional, sendo pouco menos de 4 mil escritos no ensino fundamental e quase 15 mil escritos no ensino médio.

A partir de 2002, o governo federal criou o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), por meio do qual pode, mediante convênio com Estados e Municípios, substituí-los na realização de exames supletivos. Assim de acordo com o Conselho Estadual de Educação (CEE), Resolução nº 147/2008 estabelece normas para ofertas de cursos e exames do Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade de Jovens e adultos no sistema de ensino do Estado do Pará.

O PNLD-EJA é o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos. Está normatizado pela Resolução CD/FNDE Nº 51/2009, que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). Ele incorporou o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), e ampliou o atendimento, incluindo o primeiro e o segundo segmentos de EJA, que correspondem aos anos iniciais e finais do ensino fundamental e o ensino médio na modalidade EJA. Seu objetivo é distribuir obras e coleções de qualidade para alfabetizando do Programa Brasil Alfabetizado e estudantes da EJA das redes públicas de ensino (www.portal.mec.gov.br).

Observa-se que, o livro didático é importante para o desenvolvimento dos alunos, tanto nas pesquisas como aprender o hábito da leitura, ainda é preocupante a

falta de interesse em relação ao uso dos livros didáticos, ou seja, os mesmo são inseridos nas escolas como forma de facilitação no aprendizado dos alunos da (EJA), Educação de Jovens e Adultos. Todavia a necessidade de trabalhar com os livros didáticos que condizem com a realidade em que está inserida.

A Resolução/CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013, dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

1.3 FORMAÇÃO DO EDUCADOR DA EJA

A falta de profissionais com perfil para trabalhar na EJA, é um problema muito sério e que acarreta dificuldades para que se possa seguir as bases curriculares oferecidas nos parâmetros educacionais. Na formação continuada tem que se procurar enfocar metodologias, avaliação e relação professor/aluno de forma sistemática, sendo o mais objetivo possível.

Não há como negar que a EJA já tem suas demandas próprias, sendo impossível desenvolver programas de qualidades sem que os recursos estejam garantidos e, normalmente nas escolas, esses professores se veem obrigados a improvisarem o local para suas aulas, os materiais utilizados e até mesmo os educadores são arranjados. Para resolver essa demanda, a profissionalização do corpo docente e o enriquecimento dos ambientes da aprendizagem são fundamentais.

Para superar o quadro atual de rotatividade e precariedade do vínculo de trabalho, propõem-se valorizar os profissionais que possuem formações e atuam na Eja, mediante justa remuneração e adoção de critérios de seleção, ingresso e progressão na carreira que estimule a dedicação e permanência dos docentes na modalidade (BRASIL, 2012, p. 29).

Nesse sentido, cada vez mais os professores da EJA tem de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno, a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnica. É preciso discutir a gestão socioeconômica e de classe de maneira conjunta na formação continuada desses professores para que não fiquem ausentes dessa execução e, assim, terem alternativas e estratégias pedagógicas para superar essa situação em sala de aula.

De acordo com a LDB nº 9.394/96 alterada pela Lei nº 12.056/2009 aborda sobre um regime de colaboração compreendido entre União, Distrito Federal, Estados e Municípios para promoverem a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. Normatiza ainda que, na formação continuada da capacitação dos profissionais de magistério devem ser utilizadas as tecnologias da educação a distância.

As universidades, os institutos Superiores de Educação e as escolas normais formarão os profissionais de educação. E sua experiência docente passa a ser requisito básico para o exercício do magistério. Dessa forma, faz-se necessária a formação do profissional para que se entenda a necessidade no campo da formação continuada desses professores que não fiquem ausentes dessa discussão e, assim terem alternativas e estratégias pedagógicas para superar essa situação em sala de aula.

Uma tarefa fundamental dos professores da EJA é conhecer que saberes e habilidades os alunos desenvolvem em função do seu dia-a-dia, assim acontecerá uma troca de experiências onde o aluno poderá se sentir à vontade e interagir de forma satisfatória com os demais e com o professor, desta forma acontecerá interação e companheirismo onde o aluno se sentirá a vontade para indagar e tirar suas dúvidas questionando e obtendo resposta do professor que estará qualificado para ensinar.

Parece existir uma crença generalizada de que o fazer docente é consequência “natural” do saber. De fato, só saber é condição para fazê-lo, porém isso não é suficiente. A condição de o professor ter se apropriado de inúmeros conhecimentos teóricos sobre determinado assunto não lhe assegura que eles serão mobilizados adequadamente nas situações em que forem solicitados. “O saber do professor demanda conhecimento teórico, mas inclui, além disso, habilidades e recursos que transcendem a ele. É preciso saber e saber fazer nas situações reais”. (SCHWARTZ, 2012, p. 82).

Partindo desse pressuposto, entende-se que o educador além de estar bem preparado de conhecimentos teóricos, também tem que está pronto para resolver situações na prática docente. Logo, é necessário que o educador atue com maturidade e encare a realidade dos educandos de acordo com a necessidade dos mesmos havendo assim interação e entendimento de ambas as partes. É dever de o docente estimular o interesse de ensinar, para lidar com as situações decorrentes no

dia-a-dia, levando o aluno a sentir-se seguro e à vontade para indagar e obter respostas para suas indagações.

O saber fazer precisaria fazer parte do currículo da formação docente. No entanto, existem evidências de que frequentar cursos de licenciatura não tem garantido aos professores egressos o conhecimento do que e do como ensinar os alunos. Apesar dos avanços produzidos no conhecimento teórico nas áreas da alfabetização, do ensino e da aprendizagem, muitas das práticas de professores e professoras, envolvidos na tarefa do alfabetizar, têm permanecido iguais durante décadas. Parece indispensável que os programas de capacitação incluam como um dos objetivos os de '(re) alfabetizar' os professores – alfabetizadores (FERREIRO, 2007 *apud* SCHWARTZ, 2012, p. 83).

O saber fazer requer teoria e prática, por isso é importante que se oportunize que os alunos dos cursos de Pedagogia reflitam criticamente situações específicas de sala de aula, estudos de casos reais utilizando-se em seus planejamentos e intervenções didáticas organizadas do fazer docente. Coerente com essa percepção da inteligência, o professor sabe que precisa ensinar partindo da lógica de aprendizagem processual dos alunos.

Ensinar e aprender corresponde a atividades complementares, uma definida pela outra. Se o aluno não aprende é porque o professor não soube ou não pôde lhe ensinar, muitas vezes o professor está restrito a definições elaboradas de acordo com algum planejamento da escola, percebendo como desvalorização o seu próprio conhecimento ou seus próprios pensamentos sobre as mesmas questões.

O que significa compreender currículo como forma de problematizar a micropolítica, o cotidiano, em diálogo permanente com os outros tempos e espaços sociais. Com este entendimento, afirma-se uma concepção de currículo que aproxime os sujeitos das suas experiências. “Aproximando-o das formações de professores, convidando estes sujeitos e espaços a esgarçarem a lógica dos binarismos, antagonismos, concepções “naturalizadas” sobre corpo, educação e sociedade” (SACRISTAN, 2000, p. 92).

Neste movimento, quando as formações de professores privilegiaram o enredamento de saberes, valorizando as diferentes experiências educacionais e sociais pode tornar-se lugar de promoção e criação de práticas pedagógicas questionadoras e transformadoras.

Segundo Perrenoud (2000, p. 14), o ofício do professor não é imutável, suas transformações passam “[...] principalmente pela emergência de novas competências

e ou pela acentuação de competências reconhecidas, para enfrentar a crescente heterogeneidade dos efetivos escolares e a evolução dos programas”. O professor, diante dessa proposta, tem em mãos o exercício da sua autonomia, na escolha de ações pedagógicas que melhor farão desenvolver o conteúdo a ser trabalhado. Poderá também realizar metodologias que auxiliarão no processo ensino e aprendizagem, planejando aulas diferentes envolvendo os alunos de forma que se sintam bem, que realizem seus trabalhos com entendimento e com satisfação.

A formação do professor é muito importante para atuar nesta modalidade de ensino, pois estes alunos criam expectativas a respeito do professor das aulas, das atividades realizadas no ambiente escolar, porém, o professor qualificado saberá agir de forma adequada inserindo assim propostas, atividades, e metodologias que com certeza serão de grande importância e relevância na aprendizagem dos alunos e o profissional estará agindo de forma satisfatória, desenvolvendo suas metodologias onde todos serão beneficiados e acontecerá a almejada educação de qualidade.

De acordo com a autora Schwartz (2012, p. 58), as estratégias de ensino a serem utilizadas pelos professores alfabetizadores têm sido diversificadas tanto em relação às concepções como ao estilo pessoal de cada docente. Mas, apesar da divulgação das novas ideias, um grande número de professores continua seguindo, como eles próprios nunca vivenciaram essas novas propostas, eles têm dificuldades em serem convencidos sobre a eficácia dos novos métodos. Assim sendo, eles não conseguem perceber a necessidade de revisar a teoria que embasam práticas. De acordo com Fernandez (1998),

Os cursos de formação de professores deveriam trabalhar mais profundamente as questões relacionadas às dinâmicas de grupo, os aspectos subjetivos deveriam ocupar mais da metade posto na formação de professores, e menos da metade do tempo deveria ser ocupado mais particularmente com os conteúdos. (FERNANDEZ, 2011, p. 27)

Dessa forma, o autor relata que nos cursos de formação de professores deveria ser implantado com mais frequência, dinâmica como prática pedagógica envolvendo os conteúdos a serem trabalhados envolvendo o educando levando-o a interagir raciocinar, aprender, envolver-se e alcançar o objetivo. É importante perceber as relações e conseqüente importância de se planejar, tanto ações internacionais para a constituição do grupo, como para a qualidade dos professores.

Nesse contexto, observa-se que muitos educadores vivenciam novas metodologias para o enriquecimento das aulas, assim, formas práticas de facilitar o aprendizado do alunado, porém, ainda existem profissionais que ainda não se adequaram a essa proposta inovadora, insistindo em continuar na mesma, retardando as metodologias. Muitos dos educadores têm medo do novo, da prática, de sair da rotina, sabe-se que no processo de ensino e aprendizagem é necessário que haja metodologias diversificadas que podem auxiliar, facilitar, ajudar tanto o corpo docente como o discente da escola.

Nessa perspectiva, o professor na atualidade tem que interagir com os outros profissionais buscando qualificação para atender o alunado que vem para a escola confiante com expectativas de aulas interessantes, porém, através de novas metodologias o professor poderá estar alcançando seus objetivos e seus alunos com expectativas realizadas e aptos a prosseguirem com sua formação.

1.4 PERFIL DO ALUNO DA EJA

Os alunos da EJA são geralmente pessoas vindas de famílias de baixa renda, sendo que muitas vezes os pais também não são alfabetizados, isso faz com que muitas vezes se sintam discriminados pela sociedade; vivemos em uma sociedade que para toda a nossa rotina é necessário a leitura, em caso de tomar um ônibus é necessário conseguir identificá-lo, para fazer compras tem que conhecer os números. Contudo esse aluno da EJA pode se sentir excluído da sociedade, quando pensamos em exclusão nos remetemos à pessoas com deficiência, mas a exclusão não se limita a deficiência intelectuais e mentais, para esses alunos que por alguns motivos não tiveram oportunidades de estudarem nos primeiros anos de vida este termo também cabe. Bieler (2004), fala sobre a importância da inclusão.

A perspectiva da educação inclusiva vai além da deficiência. Esta é apenas uma das áreas que seriam beneficiadas com ela (educação inclusiva) A qualidade da educação é que está em debate porque hoje não se considera (nos sistemas educacionais) a diversidade dos alunos, os níveis de necessidade e as características individuais. A proposta da educação inclusiva melhoraria a qualidade do ensino para todos. Não se trata só de incluir deficientes nas salas de aula. (BIELER, 2004, p. 11)

O aluno da EJA possui necessidade educacional especial independente de ter ou não deficiência física. Uma vez que estes alunos vão para a escola após um longo dia de serviço, sua mente já está cansada, ao contrario de uma criança que não trabalha e nem tem preocupações com a família, como os adultos. A maioria destes alunos da EJA tem a necessidade de voltar à escola para se sentir incluído na sociedade, procuram melhores condições de vida, almeja um melhor cargo no trabalho, muitos buscam a leitura com o objetivo de ser mais participativos e críticos na sociedade e até por motivos religiosos como o sonho de aprender ler para conseguir ler a bíblia.

Entretanto, boa parte destes alunos busca uma realização pessoal, principalmente os mais idosos que as vezes são motivos de chacotas por estarem estudando nesta fase da vida. “A educação de jovens e adultos é toda educação destinada aqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se em obter os conhecimentos básicos necessários”. (PAIVA, 1987, p. 16).

Tanto podem ser alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho e percebem que conseguem ou precisam melhorar esta inserção, quanto podem ser aqueles que ainda esperam ingressar no mercado de trabalho; não visam apenas à certificação para manter sua situação profissional, mas esperam chegar ao Ensino Médio à Universidade para acender social ou profissional; e tiveram que romper barreiras preconceituosas, geralmente transpostas em função de um grande desejo de aprender.

A educação é um procedimento de longo prazo e contínuo, é um conhecimento para a democracia e a cidadania entre outras práticas. Quando a escola perde essa função ela passa a representar a negação de um direito constitucional para o cidadão, decorrentes de um conjunto de dificuldade sociais. As dificuldades são muitos e não únicos da educação, pois o descompromisso é crescente na saúde, moradia, segurança, trabalhos, neste processo, constatarem cada vez mais contingentes de sem-teto, sem-emprego, sem-terra, entre outros.

Não seria fora de propósito acrescentar que neste quadro descrevem que eles também estão ligados à esfera do não acesso à escolarização. É fundamental que aluno e professor compreendam que erros podem ser transformados em aprendizagem, é possível aprender com eles, os erros não podem ser contribuintes para causar evasão. De acordo com Cortella (1999).

O erro não ocupa um lugar externo ao processo de conhecer, investigar é bem diferente de receber uma revelação límpida, transparente e perfeita. O erro é parte integrante do conhecer não porque “errar é humano”, mas porque nosso conhecimento sobre o mundo dá-se em uma relação viva e cambiante (sem o controle de todas e quaisquer interveniência com o próprio mundo. Errar é, sem dúvida, decorrência da busca e, pelo óbvio, só quem não busca não erra. Nossa escola desqualifica o erro, atribuindo-lhe uma dimensão catastrófica; isso não significa que, ao revés, deva-se incentivá-lo, mas isso sim, incorporá-lo, como uma possibilidade de se chegar a novos conhecimentos. Ser inteligente não é não errar, é saber como aproveitar e lidar bem com os erros. (CORTELLA, 1999, p.112).

Tão importante quanto o direito à escola é garantir que todos aprendam com uma educação de qualidade. Neste sentido, não são os nossos sistemas educacionais que tem direito a certos tipos de alunos. É o sistema escolar de um país que tem que se ajustar para satisfazer as necessidades de todos os alunos. É necessário tornar a aprendizagem mais significativa para todos, terem propostas alternativas que estejam comprometidas com uma educação de qualidade para esses jovens e adultos.

Os alunos da EJA por se tratarem de adolescentes acima de 14 anos e adultos, já tem suas experiências de vida, muitas vezes até traumas podem ter sido criados por não ter conseguido estudar anteriormente por vários motivos, desta forma os alunos criam um bloqueio; por isto, o professor deve estar seguro para tentar quebrar estes bloqueios.

Às vezes estes alunos podem estar com sua auto estima muito baixa, aí entra o papel do professor para traçar práticas adequadas para incentivá-los a motivação, que é fundamental para este processo de alfabetização, pois quando há esperanças se tem forças para vencer os desafios na busca de um objetivo. As turmas da EJA funcionam geralmente a noite que é o horário disponível para pessoas que trabalham diariamente, deve haver muita força de vontade e incentivo para jovens e adultos concluírem o curso.

Por isso, a alfabetização não pode se fazer de cima para baixa, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma. (FREIRE, 1999, p.72).

Freire experimentou várias expressões da opressão. Ele as usou para formular sua crítica e análise institucional, dos modos pelos quais as ideologias dominantes e opressivas estão encravadas nas regras, nos procedimentos e nas tradições das instituições e sistemas. Fazendo isso, ele permanecerá o utópico que é, mantendo sua fé na capacidade do povo em dizer sua palavra e, dessa forma, recriar o mundo social, estabelecendo uma sociedade mais justa.

A teoria de Paulo Freire remete-nos a reflexão acerca da metodologia educacional, que por bem, faz mais parte do passado que do presente educacional, digo daquela em que o professor era o dono do saber e o aluno um mero espectador com o único intuito, receber informações que não detinham. Freire denominou de bancária esse tipo de educação, pois, para ele se identifica com o modelo bancário, o professor é o depositante e o aluno o depositário do saber, restando para o segundo apenas render “juros”, sem possibilidades de críticas reflexivas.

2 CAUSAS DA EVASÃO NA EJA: REFLEXO SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

2.1 EXPECTATIVAS E DESAFIOS DO ALUNO DA EJA

O jovem e adulto, ou seja, o educando na EJA, já concentra em si um contexto histórico, uma realidade social. São os que voltam as escolas porque buscam melhorar suas vidas, através do processo aprendizagem.

Para os alunos prevalece a opinião de que o professor é aquele amigo e que ajuda o aluno, profissional, educado e que estabelece limites. Estes alunos da EJA, independente da idade, sexo ou turno, são alunos críticos, reflexivos e exigentes, que valorizam o professor profissional, mas não deixam de valorizar aqueles que apresentam boas atitudes e mantêm com eles uma relação interpessoal, contribuindo assim na melhoria do processo ensino aprendizagem. Como Gadotti (2008) afirma que:

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especialidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desempregado [...].(GADOTTI, 2008, p.31)

São realidades distintas a cada aluno, pois vivem num mundo de trabalho, família, grupos, são responsabilidades tantos sociais quanto familiares, com valores morais e éticos criados a partir das experiências pessoal, do lugar onde vive e da realidade sociocultural em que estão inseridos.

O senso comum, o valor pelo cotidiano, corriqueiro, o saber das ruas, o desafio para enfrentar os problemas diários confrontam com o conhecimento transmitido pela escola. É um conhecimento sim, elaborado, mas não é sistematizado, não possui a valoração necessária no mundo letrado, e nem sempre é percebida sua importância pelo próprio aluno.

Ademais, muitos dos alunos, enfrentam problemas de saúde, como baixa visão, pouca audição ou muitas outras enfermidades que prejudicam o assimilar do conhecimento.

Conforme fala Freire (1999), que apresentava em seus estudos como fundamental característica da EJA do sujeito como ator de seu próprio aprendizado e a concepção de conhecimentos, educando para a conscientização, pela formação de

sujeitos críticos, educação pela liberdade. O aluno precisa do amparo da escola para sobreviver para atingir seus objetivos, satisfazer seus anseios.

Muitas vezes os alunos vem para a escola com problemas, oprimido, baixa autoestima, por vezes pela condição de excluído, de retardatário, que chega a escola muito cansada, e diante de uma situação nova, e diferente, sentem-se oprimidos e desestimulados a acreditar que são capazes. Nesse sentido, Werneck (1999, p. 23) explica que “Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade”.

Essa realidade que o educando, como jovem adulto é diferente no ensino regular, onde as crianças, no seu tempo, assimilam, absorvem com a naturalidade que lhe é peculiar. A grande maioria dos alunos da EJA possui baixo desenvolvimento cognitivo, o que pode ser explicado como causa neurológica ou pelos fatores mais diversos, como ambiente, sociedade, cultura. Nesse sentido, Scoz (1994) salienta que:

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multimensal, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta transformação da sociedade. (SCOZ, 1994, p. 22)

Todavia, esses jovens e adultos que ultrapassam a barreira da baixa autoestima e da opressão através da aprendizagem formal, como exprime Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) que busca a libertação através de sua práxis pela necessidade de conhecimento e reconhecimento de lutar por ela, esses, vivem num contexto de condições precárias relacionadas à saúde, alimentação, moradia, trabalho.

De tal modo, que quando o educador inicia o educar, não esta ele diante de meros expectadores, que querem aprender, mas de gente que sobrevive em momentos e situações de dificuldades, desânimos e ciam de tudo buscam melhoria e qualidade de vida. Essa é a interpretação que faz Moacir Gadotti 2008, que contemporiza da seguinte forma:

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos esta condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador. (GADOTTI 2008, p. 32).

Quando se contextualiza a dura realidade do educando nota-se que este busca condições que melhorem sua vida através dos bancos escolares, tentando recuperar o tempo perdido, tardiamente, numa idade, por vezes avançada o aprendizado que não conseguir obter anteriormente.

A educação tem por desafio uma nova concepção de práticas pedagógicas que valorizem o senso critico e emancipatório de seus educandos. Uma nova visão do aprender, não pautado em modelos predeterminados, mas na busca por aperfeiçoar o aprender no cotidiano, na necessidade profissional, na vivencia.

Percebe-se que não à uma preocupação em formar pessoas criticas, baseando o currículo da EJA no do ensino infantil, o que contraria o objetivo do estudo de jovens e adultos, pois buscam diferentes caminhos.

A educação do EJA deve buscar consolidar indivíduos atuantes na sociedade, que emitam sua opinião, que critiquem, dialoguem, e são os conteúdos relevantes, atuais e interessantes, aprimorando o senso crítico. É a falta desse método, que inviabiliza uma educação de qualidade, como bem enfatiza Pierro.

Ao focalizar a escolaridade não realizada ou interrompida no passado, o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referencias curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especialidades desse grupo sociocultural (PIERRO, 2005, p. 81)

Há também a dificuldade concorrente a contratação entre contradição entre aprendizagem e permanência na escola, onde se exige que o aluno saiba ler e escrever, mas não são oferecidos métodos adequados e condições a isso, e há a cobrança que se eduque ao longo da vida para permanecer no mercado de trabalho, tornando-se um paradigma.

O que visa os alunos da EJA em relação à educação é que esta poderá proporcionar maior valorização econômica e social destes próprios e de seu trabalho. Acredita-se que, para que a educação possa ter seu papel transformador, a

formação não necessariamente se desdobrará em melhores condições de vida para os educandos e não deve ser transmitida como algo apenas único, mas de forma construída. O ponto de partida do processo educacional não deve ser baseado na “ignorância” dos alunos, mas naquilo que ele conhece, para que possa se tornar motivos de questionamento e reflexão, além de algo promissor. Com relação a esse tema, Delors (2001) explica que:

[...], o progresso científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos, na formação inicial, tornem-se, rapidamente obsoletos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente (DELORS, 2001, p. 98).

De certa forma o desejo de realizar, desempenhar um papel na sociedade saber compreender o mundo das letras e números e poder usufruir um melhor emprego, melhor salário, melhor qualidade de vida, faz com que o aluno retome a escola, segundo Delors (2001, p. 103) “ninguém pode pensar adquirir, na juventude uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”.

São pessoas que ultrapassam a barreira da vergonha, da culpa e retornam à escola, a fim de avançar em seus conhecimentos, se sentirem preparados para os desafios no mercado de trabalho, perante a família, e perante a sociedade, que tanto cobra, discrimina sair da margem da sociedade de analfabetos e figurar como senhores de si.

Todavia, deve entender a educação não como mero depósito de conhecimentos, mais muito além disso, e não se ater nas disciplinas constantes do currículo. Ler, escrever e solucionar os cálculos como forma de garantir o conhecimento, mas visar a compressão, a análise, reflexão e modificar o aprendido, adquirido em uso útil e social, capaz de modificar-se transformar a sociedade. Para tanto, o conhecimento deve ser arquitetado como um movimento dialético, com explana Ferreira (1990):

O conhecimento é o movimento da síntese (sensorial-concreto), passando pela análise (abstração), chegando à síntese (o concreto-pensado, um novo concreto mais elaborado). A criatividade analítico-sintética é indispensável ao avanço do conhecimento. A análise é a separação dos elementos particulares de um todo. A síntese é a reunificação dos elementos analisados. (FERREIRA, 1990, p. 51)

Assim, a educação que está sendo transmitida ao aluno aquém do esperado, pois tanto a metodologia quanto material de apoio são insuficientes ou inadequados que não leva os educandos à reflexão e transformação. Vale lembrar que a grande maioria são trabalhadores, e que, portanto, já possuem experiências de vida de diversas maneiras, estão associadas às suas relações de trabalho.

Assim, essa dimensão da existência dos alunos precisa ser utilizada como pedra de toque entre o universo escolar e o mundo "além-escola", não somente como conveniência pedagógica, mas como compromisso do ser humano que precisa de conhecimentos. Para que se atinja uma educação de qualidades segundo Ferreira é necessário elaborar um processo de problematização que se classifica da seguinte forma:

- 1º - Partir da prática concreta – perguntar, problematizar a prática. São as necessidades práticas que motivam a busca do conhecimento teórico. Tais necessidades constituem o problema, aquilo que é necessário solucionar. Supõe, pois, identificar fatos e situações significativas da realidade imediata.
- 2º - Teorizar sobre a prática – ir além das aparências imediatas, desvelar, refletir, discutir, estudar criticamente, buscando conhecer melhor o tema problematizado.
- 3º - Voltar à prática para transformá-la - voltar à prática com referências teóricas mais elaboradas e agir de modo mais competente. (FERREIRA, 1990, p. 52).

Muitos dos alunos deixam a escola por motivo de trabalho, ou ainda por a escola não vir de encontro com suas expectativas, e assim abandonam os bancos escolares. Muitos voltam porque tem incentivo da família, pressão no trabalho, vergonha perante a sociedade por não saber ler e escrever, exigências do mercado. E em que pese à faixa etária ser muito acima do usual na escola, jovens e adultos, a influência da família tem sido fundamental para o retorno a escola.

Há uma visão do mundo baseada nas suas experiências enquanto trabalhadores, que zelam e vivem por suas famílias; porém estas, são as responsáveis pelo incentivo para que estes alunos frequentem e permaneçam em sala de aula.

Com relação às disciplinas que se trabalham na escola, na maioria das vezes estão presos na leitura, escrita e operações matemáticas, mas no que ratifica Silva (1991:79-80) que “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas”. Por fim, ilustra Ferreira (1990), que:

A alfabetização, enquanto aquisição da língua escrita, não é simplesmente um ato mecânico de decodificação do código escrito, mas ocorre numa construção do conhecimento que envolve questões de ordens diversas e exige uma postura crítica para que se concretize plenamente. Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global [...] A alfabetização passa por questões de ordem logico-intelectual, afetiva, sócio – cultural, política e técnica (FERREIRA, 1990, p. 60).

De forma que, a leitura, igualmente a escrita e a fala, são importantíssimas para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois desenvolve o senso crítico e reflexivo diante das situações do dia a dia, contribuindo para solucionar com autonomia e destreza problemas que antes de ser letrado, não conseguiria, o aprendizado é uma construção sistemática de saberes que se interligam, se desenvolvem e nessa teia de conhecimento surgem as cabeças pensantes, as melhores ideias e o progresso da sociedade.

Portanto, o desafio é fazer com que os alunos entendam que apesar de o ensino por vezes não levá-los a conseguir atingir suas aspirações dentro do mundo do trabalho, a educação tem um sentido maior, de formação humana, intelectual e cultural, que pode ajudá-los a entender como podem chegar na situação em que se encontram; e para que se entendam historicamente nesse processo, coletiva e conscientemente se organizem para enfrenta-la, com a firmeza e a lucidez que uma tal tarefa lhes exigirá por toda a vida.

2.2 FATORES CONTRIBUINTES PARA A EVASÃO DA EJA

A evasão escolar está presente praticamente em todas as unidades escolares brasileiras e, portanto, um problema que afeta milhares de estudantes no País. As causas mais frequentes são diversas e, atribuídas tanto aos estudantes como ao sistema, ambos acabam perdendo. De acordo com Fonseca (2012, p. 37) que a frequência com que as práticas pedagógicas calcadas na representação e marcadas por problemas de inadequações ainda ocorre nos programas da EJA principalmente aqueles que se dedicam aos ciclos iniciais da educação fundamental, torna-se ainda mais preocupante se avaliar as reações dos alunos e das alunas a elas submetidos.

Especialmente os alfabetizando em geral, pessoas adultas, e as representações que lhes atribuem os professores, a escola, o sistema, ou a

sociedade, que tendem a não formular explicitamente seu desconforto ou constrangimentos diante de tais ações pedagógicas, mas se deixam invadir pelo desinteresse e pelo desânimo, alimentado principalmente, pela impossibilidade de conferir sentido e cumprir aquilo que é obrigado a realizar.

Neste caso novas metodologias poderão contribuir para um novo episódio de evasão da escola, na medida em que não consegue oferecer aos alunos e alunas da EJA razões ou motivações para nela permanecerem e reproduz fórmulas e discriminação etária, cultural ou social para justificar insucessos dos professores de ensino-aprendizagem.

Diante disso pode-se observar que as metodologias são de grande relevância para o aprendizado do educando, porém terá que ser bem elaborada para que o alunado sinta-se à vontade para expressar-se participando de forma agradável e satisfatória das atividades sem preocupação com a discriminação, pois, também tem sido uma grande problemática que tem afetado de forma negativa a aprendizagem e continuidade dos alunos da EJA, aqueles de mais idade sentem-se rejeitados e até mesmo excluídos pelos colegas de classe e muitas vezes pelo próprio educador.

Vale ressaltar que existem os problemas de saúde que implicam em seus processos de aprendizagens, grandes empecilhos. Sendo assim a escola tem que criar meios de conduzir os mesmos a sentirem-se valorizados e parte da escola. Pois muitos se matriculam e encontram muitas dificuldades evadem bem antes do meio do ano.

Entretanto, Queiroz (2013, p. 53) analisa o cenário atual da EJA no Brasil e, explica que houve uma queda acentuada nas matrículas nessa modalidade passando de 4,9 milhões para 3,9 milhões entre 2007 a 2012, segundo o censo escolar e comenta, enfim, os desafios que os educadores precisam superar com a crescente presença de jovens nas turmas EJA.

É consideravelmente grande a quantidade de alunos que perderam a motivação para os estudos, a correria do dia a dia, os afazeres domésticos, a família, o trabalho, saúde e entre outros problemas que os levam a desistência nos primeiros dias de aula, ou até mesmo se matriculam, mas não comparecem as aulas.

Com base na afirmação de Haddad (2013, p. 16) entende-se que, uma das causas geradora da evasão é por parte do governo que não se pensa na qualidade da educação, não investe na educação da EJA, deixando essa modalidade um pouco esquecida.

É notório que o governo tem deixado a desejar quando fala-se em EJA, pois observa-se que as escolas públicas são poucas assistidas pelo governo, a falta de materiais didáticos, de programas e incentivos, os projetos só existem mesmo no papel, pois, os alunos necessitam de materiais, e os mesmos não existem ou não são suficientes. Não colocam em prática as leis que amparam a educação de qualidade para essa modalidade de ensino.

De acordo com Queiroz (2013, p. 53), “alfabetizar funcionalmente pessoas mais velhas é um desafio ainda maior se comparados aos jovens”. Especialistas apontam as falhas nas estratégias para educação de jovens e adultos: faltam ações que motivam e retenham esses alunos de maior idade nas aulas, além dos fatos de muitos precisarem priorizar os trabalhos as dificuldades levam ao aumento da evasão nestes últimos anos.

Portanto, alfabetizar é um processo contínuo que requer paciência e muita dedicação, pois, é um desafio alfabetizar pessoas que já estão querendo aprender só mesmo o nome para assinar seus documentos pessoais. A realidade é que se requer muito cuidado e atenção nas atividades, na forma de se explicar os conteúdos. Instigando o educando a sentir interesse pelos estudos, pois é considerável o número de alunos evadidos.

Essa redução não significa que os Jovens e Adultos brasileiros perderam o interesse em estudar, entre outras razões, o número de alunos matriculados diminuiu devido à falta de ações de divulgações dos cursos disponíveis, algo que afeta principalmente os mais velhos. Eles normalmente não procuram a EJA por iniciativa própria, como ocorrem com os jovens, muitos tem vergonha de assumir que ainda não são alfabetizados.

De acordo com FERNANDES (2011, p. 96), a presença de adolescentes na educação de Jovens e adultos do Ensino Fundamental é preocupante, pois quase 20% dos matriculados tem de 15 a 17 anos. Muitos enfrentam problemas como pobreza extrema, a instabilidade na vida deles não permite que tenham a educação como prioridade o que leva a abandonar a escola diversas vezes.

Outra causa frequente da evasão escolar é a necessidade de trabalhar e de compor uma renda familiar faz com que muitos alunos deixem o ensino regular antes de concluí-lo, a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho faz com que o aluno mude para os turnos da EJA onde essa é a única opção restante.

Mas esse não é o único problema que gera a evasão escolar, pois são inúmeros, como a gravidez precoce que é a chegada do primeiro filho ainda na adolescência, e afasta muitos da sala de aula principalmente nas meninas que deixam de estudar para cuidar do filho e quando conseguem retornar à escola tempo depois, ingressam na EJA.

Os motivos que levam a garotada a se matricular na EJA têm a ver com a falta de qualidade do sistema de ensino e suas consequências: Reprovação e evasão. Segundo estudos do MEC, a repetência de 17,4% e de 22,6 % e só não é maior devido ao aumento da evasão escolar. Distância da escola, reunir alunos da zona rural em uma só escola para garantir que os professores alcancem o número mínimo de aulas e reduzir os gastos com infraestrutura e transporte. Sem falar na desmotivação que sofre os educando da EJA, pois sem se interessar pelo que a escola oferece vários adolescentes deixam de ir à escola e só tempo depois retornam a escola ciente da importância que tem os estudos (FERNANDES, 2011, p. 99).

Nesse contexto, várias são as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA, pois os mesmos sofrem com a falta de qualidade no ensino voltado para essa modalidade já que esse estudo fica esquecido pelas autoridades competentes, onde o problema aumenta e os mesmos só estão preocupados com gasto em vez de pensar na qualificação de profissionais, materiais para dar suporte na aula do professor tornando-a mais atrativa para esse educando, uma vez que já vem para a escola desgastada de tanto sofrimento em busca de uma vida melhor.

Solução para esse problema está distante, segundo Oliveira (1987) , coordenador do projeto Ação Educativa, a procura de adolescentes entre 15 e 17 anos por vaga na modalidade deve manter por um bom tempo já que a taxa de conclusão do ensino fundamental na idade certa é muita baixa, pois os jovens que estão na EJA hoje já passaram pela escola regular e ela por sua vez não deu conta de garantir a eles a aprendizagem.

Desta forma, Oliveira (1987, p. 19) cita também que outros motivos que estão relacionados às causas da evasão, que são: “O problema da EJA remete primordialmente a questão especificidade cultural onde o primeiro traço cultural releva para esses Jovens e adultos e o contexto de escolarização e sua condição de excluído do ensino regular”. Nesse sentido, o que se pode dizer, é que o problema da EJA remete primordialmente a questão de especificidade cultural onde o primeiro traço cultural releva para esses jovens e adultos, o contexto de escolarização e sua condição de excluído do ensino regular.

Estas situações em que se baseia o trabalho escolar podem colocar os Jovens e Adultos em condições bastante inadequadas para o desenvolvimento de processo real de aprendizagem de certa forma e como se a situação de exclusão da escola regular fosse em si mesmo potencial gerador do fracasso na ocasião de escolarização tardia.

Durante os “percalços e interrupções nos estudos” dos alunos da EJA a exclusão precoce da escola ocorre também na escolarização tardia, resultado da baixa escolaridade, que acarreta constrangimentos sociais diversos. Por mais que seja importante ampliar a compreensão da exclusão e da reinserção que tais fenômenos constituem experiências que sujeitos específicos vivenciam em momentos determinados de suas vidas (SANTOS, 2013, p. 06).

Baseada nessa concepção que, esse grande problema está relacionado ao sistema de ensino, pois já que a condição está agravante por falta de sintonia, a escola necessita urgentemente de um mecanismo entre educando e comunidade escolar para, pelo menos amenizar essa situação para isso não influenciar na qualidade do ensino. Políticas públicas voltadas para a EJA são necessárias, quando repensadas e elaboradas de forma específica.

Portanto, a escola tem um papel importante de criar condições para que este alunado não se desestimule, sinta-se encorajado de participar das aulas com entusiasmo, autoestima e motivação, além de perseverança e força de vontade para continuar, sentindo-se bem para questionar e expor sua opinião de acordo com sua maneira de pensar, sendo respeitado.

Os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adulto deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles (DIAS, 2000, p. 08).

Nesse processo é fato que muitos desistem por que os horários não condizem com que os alunos esperavam cansaço, falta de apoio pedagógico e ainda se sentem no meio de um processo de exclusão da escola regular e o fato de que a escola funciona com base em regras específicas e com uma linguagem particular que deve ser conhecida por aqueles que nelas estão envolvidos. Esse processo coloca os

educandos em desconforto pessoal devido a aspectos de natureza mais afetiva, mas que podem também influenciar a aprendizagem.

Portanto, como são muitas as razões que causam a desistência do educando cabe à comunidade escolar não ficar estagnada diante dessa situação, é preciso buscar forma para amenizá-la, como por exemplo, estimulá-los a fim de que ele possa participar de todas as atividades propostas e que possam se sentir bem com o seu grupo de estudos; tornar as turmas de EJA parte da comunidade escolar é fundamental para o sucesso da aprendizagem e para evitar a evasão. O aluno não pode sentir que aquele espaço é emprestado e sim um ambiente confortável e acolhedor.

De acordo com Santos (2013, p.13) é importante pensar o trabalho pedagógico da EJA de forma que o educando participe do desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, os educadores tem a responsabilidade de criar uma dinâmica metodológica que atinja o interesse do educando, de maneira que a escola recupere seu objetivo social e supere o fracasso escolar, a repetência e a “evasão”. A autora ainda considera que diversos são os fatores que interferem no cenário escolar em forma de repetência e evasão, uma vez que ainda não há compreensão de que a função da escola é somente ensinar a ler e escrever.

Os alunos da EJA criam expectativas para suas aulas, pois mesmo cansados buscam forças para ir à escola, porém cabe ao educador preparar aulas dinâmicas que saia da rotina, crie metodologias novas que incentive o alunado a sentir o prazer de ir à escola, pois aulas criativas podem ser uma das maneiras de evitar a evasão escolar. De certa forma será um escape para incentivar os mesmo permanecerem nos estudos, conhecerem o novo, levando-os a jogos, danças, projetos realizados fora e dentro do espaço escolar que podem auxiliar no processo ensino e aprendizagem, como forma de lúdico inserindo as aulas práticas que os levarão a interagir.

2.3 O DOCENTE FRENTE ÀS PROPOSTAS DA EJA

A concepção metodológica é o caminho da prática social que revela determinada visão de mundo. Implica um constante movimento de ação-reflexão, ou seja, de prática-teoria-prática. O processo de conhecer é também construtivo. Logo, se deve superar as metodologias produtivistas e predominantes receptivas dos livros

didáticos tradicionais, optar por uma metodologia em que o educando é um sujeito interativo que pensa, constrói, reconstrói hipóteses enquanto estuda (SANTOS, 2013, p.11).

De acordo com MARINHO (1998, p. 20), não há dúvidas de que se tem o objetivo de ampliar as experiências de letramento dos alunos, sejam adultos, ou jovens, é necessário escolarizar de forma adequada às práticas sociais pedagógicas com as quais se convive no dia a dia. Já no final do século XX, as propostas oficiais de diferentes secretarias de educação têm apontado para a necessidade, na área das práticas pedagógicas que envolvam o alunado.

Portanto, as práticas pedagógicas devem estar presentes na vida educacional do docente sendo vista como suporte para elaborar as atividades e planejar-se, auxiliando na atuação como docente, fazendo-se presente de forma satisfatória, pois, dessa forma haverá aprendizados e estarão preparados para o mercado de trabalho para uma vida profissional, sendo notório que o mercado exige qualificação, sendo assim, quando há a qualificação é provável que as portas de trabalho se abram aos educando.

As práticas pedagógicas diferenciadas revelam a importância da aprendizagem, pois, todos podem aprender mesmo que seja de formas diferenciadas uns com a vivência e outros com a convivência, pois, o ser humano sempre vive constantes mudanças pode aprender, adquirindo conhecimentos aprendendo e vivendo experiências novas, porém o aprendizado pode acontecer em qualquer idade dependendo da vontade e interesse de cada pessoa. O ato de aprender requer disposição, força de vontade e empenho diante da vida estudantil. Seriam esses aspectos estáveis dos processos de ensino e de aprendizagem.

A seleção de conteúdo também está relacionada com as concepções de ensino, de aprendizagem e de alfabetização que embasam a prática pedagógica de professores. Para selecionar os conteúdos é preciso incluir não só a preocupação com a qualidade dos conhecimentos selecionados, como viabilizar para quem o para quê e como ensinar.

Ensinar é ciência e, como tal, demanda explicações/compreensões racionais e objetivas, procurando estabelecer relações racionais e objetivas, procurando estabelecer relações entre os fenômenos de maneira metódica e rigorosa, buscando caminhos para os objetivos a que se propõe: a aprendizagem de todos (FREIRE, 1998, p. 17).

Dessa forma pode-se observar que, o aprendizado não é algo que se concretiza em receita pronta e absoluta em que se possa agir de forma isolada, e muito menos que suas ações permearão apenas a recepção de informações, ou produto oriundos da mente dos mais experientes.

Na verdade, o mais aconselhável é que o professor mediador deve agir de forma programada contextualizando o ensino e aprendizagem às necessidades dos educandos garantindo sucesso no processo educacional. Claro que essas ações exigirão organização, disciplina e planejamento para eu não haja falta de compromisso na prática pedagógica, causando desistência do alunado.

Um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades; na organização sistematizada de encaminhamentos; no espaço heterogêneo das diferentes de cada um dos participantes; enfrentados o medo o novo provoca; educando o risco de ousar. Na cumplicidade do riso, da raiva, do choro, do medo, do ódio, da felicidade e do prazer (FREIRE, 1998, p. 13).

Porém, para que o grupo se constitua como o encontro sistemático de sujeitos, em uma mesma hora e local, com objetivos, semelhantes, o professor precisa planejar e oportunizar a construção de um clima propício para que o aluno possa sentir-se à vontade pra expressar-se diante das vivências dentro da sala de aula, expor seus pensamentos, interagir, discutir ideias, elaborando argumentos, envolvendo-se nas atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, dessa forma envolve-se positivamente desenvolvendo-se e assegurando o aprendizado participativo.

O aluno precisa sentir que o professor é verossímil, que confia nos alunos, que é cúmplice e que é solidário. Esses sentimentos confiança, cumplicidade, solidariedade podem funcionar como amálgama para o grupo e precisam ser construídos e retro aliados em cada encontro.

Uma aprendizagem importante a ser construída na sala de aula de alfabetização de jovens e adultos é a de se ouvirem uns aos outros, não apenas o professor. Quando só a fala do professor é valorizada, fica implícita que a concepção de aprendizagem do professor é aquela em que ele é o único detentor do saber. Apenas o que ele fala vale a pena escutar, e isso também precisa ser desconstruído, porque é na interação das diferenças que se aprende.

Porém o professor deve planejar aulas em que os alunos participem diretamente, falem, exercitem sua autoria, contem histórias de suas experiências de vida, seu dia-a-dia, contém como fazem, explique como interpretam a realidade, interagem com os outros como um todo que percebam como podem aprender com as ideias e as experiências dos outros. Dessa forma, o professor estará abrindo espaço para os alunos participarem diretamente das aulas construindo sua história dentro do âmbito escolar, interagindo de forma satisfatória.

A prática da interdisciplinaridade é uma ação que envolve uma interação razoável, bem como, a dedicação de profissionais da educação em um trabalho de interação de disciplinas do desenho curricular contextualizado as tendências atuais. Dessa forma, pode-se alcançar a superação da educação deficitária, objetivando o desenvolvimento pleno do educando, para que os mesmos possam exercer uma cidadania crítica e consciente de suas ações no mundo com tendências contemporâneas.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Artigo 12, § 1º, os estabelecimentos de ensino, respeitados as normas comuns e as de ensino, terão a incumbência de elaborar sua proposta pedagógica e cada escola precisará ter um projeto ou proposta pedagógica definindo o seu papel social, cultural e educacional.

Quando se fala sobre a necessidade de intervenção no processo de ensino e aprendizagem, não se está menosprezando a importância das ações espontâneas e individuais diante do mesmo. Entretanto, há necessidade de equilibrar a partir da mediação, o sentido dessa ação espontânea quando se refere às possibilidades do que é alcançável ou não na apropriação do conteúdo proposto pelo sistema educacional.

A metodologia tem que ser aplicada com objetivo de fazer o educando sentir, pensar, trocar e fazer, pois, dessa forma poderá ser criativo, crítico e solidário, interagindo assim acontecerá a relação entre teoria e prática na busca da apreensão das diferentes mudanças do saber, neste espaço tem que acontecer a relação professor-aluno, bem como da sociedade mais ampla concebendo-os como conteúdo de aprendizagem, um espaço de aprendizagem que vê o educador e o educando como parceiros na construção do saber, uma relação dialógica em que o aluno, em conjunto com o educador exerça a prática de refletir com o objetivo de construir coletivamente o conhecimento.

2.4 A APRENDIZAGEM DO ALUNO DA EJA

A alfabetização de jovens e adultos acontece ao longo de um processo que, além de habilitar o aprendiz a ler, a produzir e compreender qualquer tipo de texto que desejar e/ou necessitar precisa conduzir também para uma leitura crítica da realidade, auxiliando na percepção, conscientização e desejo de transformação quando a realidade assim o demandar (SCWARTZ, 2012, p. 100).

O aluno da EJA quando vem para escola já traz consigo um leque de conhecimento, logo é importante que a escola crie meios para que o educando busque, pesquise, sinta-se curioso em aprender e chegue ao desconhecido. A partir de então começar a ver o estudo como forma de novos conhecimentos de novas portas que irão se abrir.

Nesse contexto, a sala de aula deve ser um lugar acolhedor onde vai acontecer a troca de experiências e aprendizagens. Devem acontecer as rodas de conversas porque é participando de um grupo que os alunos descobrem que juntos é sempre possível aprender melhor. Por outro lado, a diferença de idade e as diversas religiões podem contribuir para a formação dos grupos ou até mesmo de assistirem um filme, porém, é fundamental a forma de agir do professor, e será ele que irá criar situações para a aproximação dos que irão participar das atividades.

O aluno jovem chega à sala de aula, repleto de teorias, explicações e hipóteses. Sua família, a comunidade onde vive, seu trabalho e sua religiosidade permitiram-lhe construir um mundo sem-número de saberes. “Cabe ao professor descobrir, e a partir dele convidar seus alunos a acederem formas de pensar, explicar, fazer e agir”. (BRASIL, 2012, p. 07).

O educando desde o momento que está inserido na escola busca conhecimentos diferenciados, pois, a convivência as experiências vividas no seu dia a dia na sala de aula, o leva a refletir sobre vários assuntos. Muitos descobrem que o aprendizado o levará a condições melhores, a conseguirem um bom emprego a vencer seus medos, concretizar planos, vencer seus desafios.

No ambiente escolar podem acontecer momentos de contar histórias, um espaço diário de conversas, em que aos poucos, cada um vai conhecendo melhor o jeito de pensar do outro, quais são seus valores, como se expressa, poderá ser o momento em que os alunos emitem suas opiniões sobre um determinado assunto que eles mesmos escolheram.

De acordo com BRASIL (2012, p. 11), o começo dos anos 1960, o educador Paulo Freire levantou uma questão fundamental para a educação: a importância de se trabalhar com temas significativos para os alunos. E a mesma com qual se ocupa no momento da conversa sobre a sala de aula e a perspectiva dos conteúdos. Propôs o que se chama de temas geradores: educador e educando debruçam-se sobre aspectos da realidade que, mantendo ligação com o universo conhecido deles, são capazes de impulsioná-los para novas descobertas.

Os alunos da EJA devem ser vistos como pessoas capazes de surpreenderem em vários aspectos através de suas competências individuais, e em grupo, participando de “encontros culturais” nos quais cada aluno ou grupo apresente ou ensine aquilo que faz bem e que traduz um aprendizado informal poderá ser músicas, danças, comidas, entre outros, dessa forma estarão envolvidos e interagindo.

É bom lembrar que, diversificar as atividades na rotina da sala de aula, não significa ter a responsabilidade de criar uma novidade a cada aula, a cada dia. Fala-se de uma diversidade de caminhos, tempos, lugares e de olhar; pensa-se numa sala onde a lógica didática mais tradicional dê lugar a experiências inteiras do aprender: ver, agir, pensar, fazer, experimentar, todos os sentidos.

Todavia observa-se que quando essas aulas acontecem, os alunos participam com muita vontade, e se despedem do comodismo, das atividades vividas durante o dia, quando essas aulas diferenciadas acontecem o aprendizado é diferente o educando sente-se encorajado a estudar, pois, aprende de forma mais prazerosa. Portanto, o aprendizado do aluno da EJA está ligado a desenvolvimentos de programas voltados especialmente para essa modalidade que acompanha o desenvolvimento de alunos e alunas há muito tempo.

De acordo com Ribeiro (2012, p. 45), “[...] vivemos num momento de intensas mudanças e o indivíduo precisa estar preparado para acompanhar esse desenvolvimento, pois os programas para a EJA dão oportunidades aos educandos”. Com base nestas afirmativas é que há a emergência na adequação desse programa de ensino, dado o expressivo número de analfabetos no Brasil. Porém, a EJA deve ser tratada concomitantemente com outras políticas e, não isoladamente como vem sendo realizada.

Porém, a própria ampliação dos sistemas educativos, aliados à crescente complexidade da estrutura social fez com que o analfabetismo passasse para um campo mais amplo e, com isso, novos desafios lhe são expostos, levados a mais uma

carga de problematização, seja ela teórica e/ou prática, que abrange vários patamares e necessitam de soluções.

Sob uma óptica mais atenta, o conceito de alfabetização adentra tanto a âmbito da psicologia, relativa ao domínio das habilidades cognitivas, quanto à dimensão sociológica, relativa às práticas sociais de uso da escrita e das ideologias de que se investem. Em ambas as dimensões, o fenômeno assume um caráter multifacetado. Do ponto de vista do indivíduo, já não é tão simples estabelecer uma única linha de corte entre o que é ser ou não, alfabetizado.

Portanto, Ferreira (1990, p. 23) diz a esse respeito que, a pesquisa sobre o psicogênica da escrita mostrou que, “o indivíduo que vive em culturas letradas constrói, espontaneamente, conhecimento sobre a escrita antes mesmo de receber instrução sistemática ou dominar as decodificações das letras”. Principalmente, nos últimos anos, com significativos avanços, muitos deles, na compreensão do fenômeno do analfabetismo e nas propostas pedagógicas para o ensino da linguagem escrita, mas ainda há muito que pesquisar e conhecer a respeito da Educação de Jovens e Adultos, especialmente no campo da repetência e da evasão.

Porém, nos dias atuais é fato que a educação é, sobremaneira, essencial e primordial para a adequação do indivíduo na sociedade a qual ele está inserido, ou seja, sobreviver em um meio social específico, em particular, dependerá do sucesso na escola.

É unânime de que o reconhecimento de que a escolarização é fator crucial na promoção de habilidades e de comportamento relacionado ao alfabetismo, entretanto a escassas e evidências disponíveis que confirmam que tais postulados e sujeito da escolarização são jovens e adultos trabalhadores excluídos do sistema de ensino regular na infância e posteriormente também excluídos de contexto profissionais e culturais que favoreceriam práticas de leitura e escritas (RIBEIRO, 2012, p. 46).

Todavia, o autor afirma que no sistema educacional os jovens e adultos abandonam a escola precocemente, pois essas pessoas além de ser a base da família, são também a principal fonte de obtenção de renda para o sustento daquele grupo, ou seja, o estudante da EJA quer proporcionar em curto prazo um melhor padrão de vida aos seus dependentes, mesmo em condições desfavoráveis, acentuando, portanto, o número da evasão escolar da modalidade EJA.

As políticas educacionais no Brasil se justificam ou se eximem da responsabilidade desse déficit educacional, graças à falta de investimento pesado em

programas de educação inicial para jovens e adultos, e ainda pela dificuldade de avaliação ou a eficácia de tais programas. Essas políticas priorizaram, portanto, a importância de analisar os problemas que circundavam em torno da EJA pautadas em adequadas bases teóricas e ignoravam, na maioria das vezes, as experiências vivenciadas no cotidiano escolar.

Assim, ocorreu em partes porque identificaram um dos desafios para a modalidade em questão e este, por sua vez, impulsiona os demais fatores negativos à EJA. Trata-se, tão somente, do desenvolvimento de uma metodologia de avaliação correspondente a um entendimento amplo acerca do analfabetismo, abarcando sua dimensão individual e social, dentro de todos os seus pormenores.

Os sujeitos com mais baixo grau de analfabetismo, todos ele de origem rural, sempre que evocam a escola como única referência de práticas letradas, normalmente associadas a exercícios penosos de memorização de letras e sílabas e de situações humilhantes de exposição públicas das próprias incapacidades. Observa-se, portanto que esse grupo com baixo grau de analfabetismo faz da linguagem escrito o mesmo nível de desempenho, está relacionado a uma incapacidade de decodificar, visa predominantemente como oportunidade de evocação dos próprios conhecimentos, e não como instrumento de construção de novos saberes (RIBEIRO, 2012, p. 49).

As pessoas com pouca ou nenhuma escolarização são aquelas oriundas de comunidades desprivilegiadas de escolas com decentes infraestruturas, com, muitas vezes, docentes descomprometidos com uma educação de boa qualidade, que ainda se valem de métodos didáticos ultrapassados, repetitivos e enfadonhos, sendo, portanto, um fator de desmotivação para os discentes e é, além disso, pouco aproveitado pelos mesmos.

Contudo, é preciso superar os conhecimentos meramente técnico-científicos, que procuram formar sujeitos apenas para desempenharem melhor seu trabalho num sentido mecânico-prático. É também necessário que a educação seja formativa no sentido de construir sujeitos preparados para a cidadania e para empenhar-se à necessária luta para um mundo mais justo.

3 EVASÃO ESCOLAR NA EJA: ANÁLISES NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CARMEM VALENTE DA SILVA EM JACAREACANGA/PA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente da Silva, no município de Jacaraeacanga, Estado do Pará, está situada na avenida Mundurukânia, nº 19, no Bairro São Padro. Foi fundada aos dias 04 de Outubro de 2004, sob a gestão do prefeito na época, Eduardo Azevedo. A denominação Carmem Valente da Silva é uma homenagem à mãe da arquiteta da escola, a senhora Norma Maria da Silva, a qual exerceu o cargo de sua fundação ao término do ano de 2004.

Em sua fundação, contava com uma secretaria, dois auxiliares de secretaria, dez serventes, seis merendeiras e três vigias. O corpo docente era constituído de por vinte e oito profissionais, com uma clientela constituída de quinhentos alunos. Sua estrutura física comportava doze salas de aula, uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, uma cozinha, quatro banheiros, um espaço que atendia como refeitório e uma área para recreação.

Em 2005, o corpo docente era constituído por vinte e oito professores e atendia, seiscentos e trinta e cinco alunos. Em 200 a escola funcionou com mil e quatrocentos alunos. Assim, a escola foi atendendo a demanda no decorrer de mais de uma década. Em 2018, a escola atendeu a uma demanda de mil e setenta alunos, distribuídos para quarenta e oito docentes, uma secretaria, cinco auxiliares e um corpo técnico de cinco Pedagogos.

Atualmente, a escola conta com treze salas de aulas, com climatização adequada para a região, com treze salas de aulas com capacidade para trinta e cinco alunos, sala de técnicos, de direção e mediante o quadro de profissionais que integram os trabalhadores “da” e “em” educação, oferece maiores benefícios educacionais primando o conhecimento sistematizado à comunidade local e em geral.

A escola conta também com suportes multimídias, laboratório de informática, sala multifuncional (AEE), que atende alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e toda estrutura para o desenvolvimento do ensino aprendido eficaz.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, que consiste em analisar os desafios dos professores em

relação à evasão escolar na EJA, foi fundamentado basicamente em referências bibliográficas pesquisadas, com autores que tratam especificamente da questão como (BRASIL, 2007), (CARVALHO, 2011), (DELORS, 2011), (FERNANDEZ, 2011), (FREIRE, 1996). Foi necessária uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa com docentes da escola investigada, através entrevistas por questionários individuais. Pois, segundo Gil (2002):

A entrevista é técnica de interrogação mais flexível, e que se caracteriza como informal quando é uma simples conversação focalizada com o tema específico, parcialmente estruturado, guiado parcialmente pelo entrevistador e totalmente estruturado, onde segue a ordem de um questionário de um questionário bem estruturado, com o objetivo de conhecer ou medir; opiniões, interesses, crenças, sentimentos, expectativas, aspectos de personalidade, informações biográficas e situações vivenciadas. (GIL, 2002, p. 117).

Desse modo, para a pesquisa, é importante que aconteça a reflexão dos dados coletados, e a construção do debate entre as diferentes fontes, o que contribui com os objetivos que se almejou alcançar.

Assim, a pesquisa de cunho qualitativo, veio corroborar com o presente trabalho, que objetivou analisar as percepções dos docentes relativo ao processo de aprendizagem dos alunos da EJA, identificando os fatores que contribuem para a evasão e que impedem os mesmos concluíam seus estudos, tornando-se um desafios para os professores e alunos. Teve como questões norteadoras, as seguintes perguntas as quais integraram os questionários: Quais as principais causas que induzem os alunos abandonarem os estudos? Quais metodologias de ensino são utilizados para as aulas da EJA? Quais os desafios dos professores com relação à evasão escolar na EJA?

Para se chegar aos resultados da investigação, foram necessários os procedimentos, como coleta de dados, entrevistas através de aplicação de questionários para cinco professores da EMEF Carmem Valente da Silva, em Jacareacanga- Pará, em Outubro de 2018, seguido da análise dos dados com suas discussões, comentários e sugestões de propostas contribuintes, a conclusão e referências bibliográficas que embasaram teoricamente o mesmos.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a realização deste trabalho, foi necessário entrevistas com cinco professores da escola investigada. Sendo cinco docentes do sexo feminino e um do sexo masculino. As docentes têm de 39 a 49 anos, com graduação em Letras e inglês, Português e Pedagogia. Trabalham a mais de 3 anos na escola e duas professoras não têm pós graduação. O docente do sexo masculino, tem 26 anos de idade, graduado em educação Física, trabalha há 3 anos na escola e já trabalhou em outras instituições de ensino.

Também foram entrevistados quatro alunos da turma EJA, em que os mesmos responderam as perguntas propostas em questionários. Os mesmos são dois do sexo masculino, com 15 e 45 anos respectivamente e têm como profissão, estudantes, 4ª etapa e comerciante, 3ª etapa; e uma entrevistada do sexo feminino, 3ª etapa com 38 anos, com a profissão de cozinheira.

3.4 ANÁLISE DA PESQUISA

3.4.1 O que falam os professores

Os depoimentos dos cinco professores da escola investigada, foram essenciais para a produção deste trabalho; pois, ao serem interrogados sobre as vantagens da EJA para os alunos, não hesitaram em responder de acordo com suas vivências e experiências de salas de aulas, na Modalidade EJA.

Quadro 1: Para você, quais as vantagens da Educação para jovens e Adultos?

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	A tranquilidade que encontramos em sala de aula, por se tratarem de pessoas mais experientes e adultas; a desordem é mínimo.
P2	A Educação de Jovens e Adultos é uma oportunidade para aquelas que não puderam estudar na adolescência, e hoje busca-se qualificação para o mercado de trabalho.
P3	Uma das vantagens é trabalhar com alunos lhes dando vários exemplos do dia a dia das pessoas, como obrigações diárias, o trabalho, o cuidado no lar e na família para que esse cansaço não nos deixem desistir.
P4	Ensino voltado para a educação de alunos que não conseguiram concluir na idade certa.
P5	Trabalhar com adultos, que sabem o que querem e levam os estudos a sério.

Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018

Os professores entrevistados foram enfáticos ao responderem que as vantagens de trabalhar na EJA, consiste na tranquilidade em sala de aula por se tratar de alunos mais experientes e adultos; como também a busca pela qualificação para o

mercado de trabalho, que os motiva a vencer na vida. Também são pessoas responsáveis que cuidam de suas famílias; e os adultos sabem o que querem, com foco e determinação.

É uma tarefa de recuperação da esperança numa escola que, para grandes contingentes de população, nada significa. [...] Numa sociedade em que quatro quintos estão colocados à margem de consumo, ainda que convidados diariamente pela televisão a consumir, estes que, participando da produção das riquezas nacionais, são impedidos de participar minimamente do resultado do que a sociedade global produz. (GARCIA, 1998, p.14)

Na realidade, os alunos da Educação de Jovens e Adultos apresentam um acervo de experiências muito denso. Em geral, são pessoas excluídas socialmente em processos de desigualdade escolar que os afastaram da escola e reiteraram processos profundos de analfabetismo.

No contexto escolar, na EJA, encontra-se jovens que ultrapassaram a idade estabelecida para o estudo diurno por sucessivas reprovações. Por serem considerados problemáticos nos turnos matutino e vespertino, ou devido ao emprego e outras questões, solicitam ou são transferidos para o turno da noite. Muitos desses jovens sentem-se fracassados e de certa forma excluídos.

Este é um dos aspectos que geram alto índice de evasão escolar nesse período. Porém, existem as vantagens, que são desde a oportunidade de estudar no turno noturno e com isso, superar as dificuldades e conseguir concluir seus estudos. Por isso não pode-se considerar a formação do educando e seu constante aperfeiçoamento exclusivamente técnico, como simples treinamento individual.

É, ao contrário, o progresso de sua consciência crítica de si e de seu mundo, que lhe dá a certeza de ser cada vez competente em seu ofício e mais culto como intelectual; pois cada vez se acerca mais das origens legítimas da cultura, de sua vida e de suas expectativas, a autoestima e a motivação se apodera, tornando o aluno mais responsável, consciente do querer e confiante.

Ademais, a educação é um direito fundamental que ajuda não só no desenvolvimento intelectual de cada indivíduo, proporciona oportunidades de inserção social e sua importância vai além do aumento da renda individual ou das chances de se obter um emprego. Esta, garante o desenvolvimento como pessoa em sociedade, o econômico e cultural. Prosseguindo, a questão que aborda os desafios da EJA, que sempre estão presentes do cotidiano dos alunos, segundo os professores.

Quadro 2: Quais os desafios de trabalhar nesta Modalidade de Ensino?

PROFESSOR	RESPOSTA
P 1	O principal é manter os alunos na escola. A desistência é bastante grande. Outro desafio é tirá-los da rotina em que estão acostumados, mostrando algo novo sem que percam o interesse.
P 2	São muitos desafios no ensino da EJA. Pois a maioria dos alunos, já chegam na escola, cansados, muitas vezes trazem até os filhos por que não tem com quem deixar.
P 3	Os desafios estão em como fazer que estes alunos permaneçam na escola até o final. Temos que trabalhar a autoestima deles, fazendo sentir-se valorizados e competentes para o mercado de trabalho.
P 4	Relacionamento pessoal com o aluno. Relação adulto e jovem.
P 5	Manter todos em sala de aula, com os problemas que têm, as preocupações e a vontade de estudar. O desafio é conciliar tudo isso.

Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018

De acordo com as respostas dos entrevistados, os maiores desafios de trabalhar da EJA, é manter os alunos na escola, fazendo-os sentir-se valorizados e competentes para ao mercado de trabalho, evitando a evasão; fazer com que não haja rotinas que desmotivem, o cansaço destes, que por vezes levam os filhos para a escola. Também mencionaram o relacionamento com o aluno e enfim, conciliar todas as preocupações e especificidades da clientela.

Mediante esta questão, “É extremamente significativo que seja nos movimentos sociais em suas ações coletivas que encontraremos propostas mais corajosas de EJA”. (SOARES, 2011, p.29).

Desta forma, faz-se necessário a compreensão por parte dos docentes com relação à realidade de seus alunos, e assim, utilizar recursos e métodos de ensino que estimulem os discentes a continuarem estudando; pois do contrário, desistem antes mesmo de terminar o curso.

Ademais, por vezes, quando há um certo desmotivo e ou desinteresse por parte de professores, prejudica o aprendizado dos discentes que têm mais idade; pois a EJA é uma modalidade de ensino que mescla educandos de diferentes faixas etárias e que realmente estão naquele ambiente que as principais dificuldades enfrentadas por esses docentes, estão relacionadas à comunidade escolar em geral, ou seja, à escola, à família, ao discente e ao docente.

Desta forma, se faz necessário a união por parte desses sujeitos para garantir a reentrada e a permanência desses alunos na escola, favorecendo, assim, a aprendizagem dos mesmos, superando as dificuldades e os desafios da modalidade, pela oportunidade que proporciona. À seguir, a perguntas sobre as causas da evasão na EJA.

Quadro 3: Quais as principais causas que induzem os alunos a abandonarem os estudos?

PROFESSOR	RESPOSTA
P 1	O cansaço depois do trabalho, gestação, falta de interesse, drogas.
P 2	As maiores causas são muitas das vezes muito tempo parados, sem estudar; ou nunca tiveram acesso a uma sala de aula.
P 3	Muitas vezes as causas são gravidez precoce fazendo com que as mesmas abandonem os estudos; o uso de drogas e envolvimento em outras atividades ilegais .E por fim, aqueles que trabalham muito e ao chegar em casa sentem- se cansados e desanimados para ir à escola.
P 4	A distância escola/casa; falta de incentivo; Responsabilidade...
P 5	Todos os problemas de pais e mães de famílias, que querem estudar, mas trazem para a escola as preocupações do dia a dia.

Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018

Os entrevistados responderam que as principais causas do abandono dos estudos dos alunos da EJA, é o cansaço, gestação, falta de interesse, o uso de drogas. Também ressaltaram que as dificuldades de passarem muito tempo fora de salas de aulas ou mesmo sem nunca terem frequentado uma escola, a distância de casa para a escola também é um fator que desestimula e as preocupações de suas famílias e do dia a dia de alunos que querem estudar, procuram a escola, mas não conseguem muitas vezes, continuar seus estudos.

Assim, “Os Jovens e Adultos que voltam ao estudo carregam expectativas e incertezas à flor da pele” (SOARES, 2011, p. 42). Nem relação aos problemas ou desafios encontrados no processo, evidencia-se que existem vários fatores sociais, econômicos e familiares que influenciam diretamente no aprendizado.

Estes têm como maior desafio a retomada aos estudos onde as dificuldades de acompanhar as aulas vão surgindo quando não conseguem ler e escrever ou fazer contas, pois se sentem incapazes de tais habilidades e com isso, vem a insegurança.

Os educadores precisam está constantemente motivando-os, mostrando que todos são capazes de conceber conhecimentos, e a própria experiência de vida deles, mostra que já superaram muitos momentos difíceis na vida, e nos estudos não é diferente; por isso, precisam entender que tudo acontece ao seu tempo. Sem esquecer que a educação é um processo e que perdura para toda a sua vida.

Enfim, as dificuldades e os desafios estão presentes para que sejam superados e assim, tornando- se vitórias, através da educação, que pode fazer a diferença em todos aos aspectos da vida do ser humano. Dando prosseguimento, os desafios dos professores com a evasão na modalidade.

Quadro 4- Quais os desafios dos professores com relação à Evasão Escolar na EJA?

PROFESSOR	RESPOSTA
P 1	Os desafios são inúmeros, como buscar estratégias para mantê-los na escola, metodologias mais atrativas, fugir do tradicional que é importante, mas que por vezes se torna monótono e desinteressante.
P 2	Os professores da EJA tem buscado tudo para motivar esse aluno a permanecer o ano todo. Vários métodos para evitar a evasão, mas mesmo assim ainda acontece.
P 3	O professor tem que criar uma relação de respeito com seus alunos, domínio de conteúdo. Muitos permanecem na escola por ter um bom professor e o bom professor é aquele que sabe conviver, cuidar, valorizar e acima de tudo confiar.
P 4	Os alunos que vivem uma realidade diferente com a escola.
P 5	Manter os alunos em classe e fazê-los terminar o curso

Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018

Os entrevistados ressaltaram que os maiores desafios com a evasão escolar na EJA, são inúmeros, como buscar estratégias, fugir do tradicional que culmina em desinteresses. Também enfatizaram a relação de respeito entre professor e aluno, proporcionar o domínio de conteúdos, a realidade diferente da escola de alunos da modalidade e principalmente manter os alunos em sala de aula para terminar os estudos.

Desta forma, o papel do professor na EJA-educação de jovens e adultos, é de grande importância no processo de ingresso e no caso de evasão, de reingresso do aluno à escola. O perfil do docente no sucesso de aprendizagem do aluno adulto, para muitos, é um modelo a seguir. O conhecimento é capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa, traz oportunidades para conviver em uma Sociedade democrática, justa e igualitária com direitos e também deveres, de cidadãos que devem usufruir de sua cidadania. Prosseguindo a investigação, o perfil do aluno da EJA, pelos entrevistados, que responderam, de acordo com suas realidades.

Quadro 5: Trace o perfil do aluno da EJA.

PROFESSOR	RESPOSTA
P 1	Um perfil específico não pode ser traçado; é um público muito variado, que vai desde uma jovem grávida a um idoso com dificuldade de locomoção.
P 2	São senhores e senhoras que já têm família. Mesmo cansados, tentam chegar até ao final.
P 3	Na maioria das vezes são trabalhadores, desempregados, donas de casa. São alunos com diferentes características como jovens e idosos.
P 4	Alunos trabalhadores e esforçados
P 5	É aquele que procura a escola por precisar da educação, mesmo com todos os tipos de problemas

Fonte: Professores da EMEF Carmem, Valente em Jacareacanga – Pará/2018

Os entrevistados, ao serem questionados sobre o perfil do aluno da EJA, abordaram que um perfil não poder ser traçado; pois é um público variado, de idades e condições diversas, como idosos e adolescentes grávidas. Também mencionaram que são pessoas trabalhadoras, desempregados, donas de casas, e todos os que procuram a escola mesmo com seus problemas.

Em relação a esta questão, Costa (2008, p. 22) ressalta que “Em muitos casos eles estudaram quando crianças durante alguns meses (ou mesmo alguns anos), e tiveram que abandonar a escola por diferentes motivos: porque era longe, porque tinha que trabalhar ou porque os pais não deixavam que eles estudassem”. Isto mostra que muitos jovens e adultos em sua vida na escola tiveram pela frente desafios que levaram a escolher a permanecer na escola ou abandoná-la.

Os estudantes geralmente estudaram pouco tempo antes de abandonar os estudos por questões socioeconômicas. A nova realidade exige a inserção dos jovens, pois representam um contingente significativo. Continuando a investigação, a questão das metodologias utilizadas pelos professores para as aulas da EJA.

Quadro 6: Quais metodologias você utiliza para as aulas da EJA?

PROFESSOR	RESPOSTA
P 1	Especificamente na minha área, tento fugir ao máximo de rotinas, trazendo coisas novas, montando uma aula dinâmica e atrativa, com a participação de todos.
P 2	Além de todas na medida do possível, eu uso também o conhecimento nato que eles já têm.
P3	Sabemos que não é uma tarefa fácil trabalhar com essa modalidade, mas não é impossível. São procedimentos cautelosos, fazendo com que os alunos aprendam de forma harmoniosa e significativa e não tradicional
P 4	Uso textos xerocados, aulas expositivas e lúdicas.
P5	De peças teatrais à pesquisas e exposições, valorizando o subjetivo de cada aluno. As metodologias são estratégias que devem fascinar o aluno.

Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018

Ao serem questionados sobre as metodologias para as aulas da EJA, os professores ressaltaram que há a tentativa de fugir da rotina, com aulas dinâmicas e atrativas, com a participação da turma, utilizam os conhecimentos que eles têm o convívio harmonioso e significativo. Utilizam-se de textos, exposição e ludicidade; peças teatrais, pesquisas e demais estratégias que fascinam os alunos.

Enfatizaram também que valorizam o subjetivo dos alunos, com procedimentos cautelosos para que todos sintam-se bem e motivados. Afinal, as metodologias fazem a diferença neste contexto educacional. Como Freire (1999), enfatiza:

Os educadores que se comprometem com a Educação de Jovens e Adultos, tem que possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público alvo a não abandonar a sala de aula, ou seja, o professor é o estimulador, o mediador de seus alunos. Esses educadores devem ser comprometidos com a aprendizagem dessas pessoas, adequando métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade do público que estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade do aluno, como destaca esse pensador: “Não há razão para se envergonhar por desconhecer algo, testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 1999, p. 153).

Assim, o docente deve reconhecer a necessidade de um planejamento com metodologias e estratégias que atendam às necessidades, anseios e inteligências de todos os alunos da EJA. Para tanto é preciso pensar nos estudantes, se preocupar, ajudar a visualizar outras opções de vida que educação proporciona; por meio de técnicas e dinâmicas, firmando-se um vínculo de afeto, companheirismo e boa comunicação, elementos que aguçam a vontade de aprender, de se envolver e de cooperar, preparando-os para a sociedade. Dando prosseguimento à investigação, a questão sobre medidas viáveis para evitar a evasão escolar na EJA, na escola pesquisada.

Quadro 7: Do seu ponto de vista, quais medidas são viáveis para evitar a evasão escolar na EJA?

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	Acho que a medida mais afetiva, é a de tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas. Quando o aluno gosta e sente prazer por estar na escola, se torna mais difícil no uma desistência quando algo extremo não interfere.
P2	Medidas cabíveis a essa modalidade de onde vise a leitura interessante da matemática e demais disciplinas.
P3	Para reduzir os problemas, é preciso que os alunos sintam- se valorizados e percebem que estão aprendendo o conteúdo. Que tenham uma boa alimentação para que possam ter mais disposição nas aulas, e principalmente que se sintam acolhidos na escola. As metodologias servem para isso. E são diversificadas.
P4	A metodologia de ensino e incentivo aos estudos.
P5	Todas as possíveis, que leve o aluno à aprendizagem com motivação e vontade de prosseguir.

Fonte: Professores da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018.

Segundo os professores entrevistados, algumas medidas para evitar a evasão na EJA, consistem em tornar aulas mais dinâmicas, fazer com que o aluno sinta prazer em estar e leituras interessantes, frequentar a escola, que sintam- se acolhidos no ambiente escolar, incentivos, motivação para que tenham vontade de prosseguir. Freire (1989) afirma para aprender, é preciso empenho e que seja

interessante o processo de alfabetização e que o aluno sintasse animado por conceber conhecimentos.

É impossível o professor levar avante seu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização, quando separa completamente a leitura da palavra, da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever o mundo”, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo. (FREIRE, 1989, p. 31)

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que guarda inúmeras possibilidades aos professores e demais inclusas no contexto educacional. Isto porque alguns estudantes estão a um passo de se inserir no mercado de trabalho e outros já estão trabalhando.

Desta forma, essas condições devem ser exploradas, pois possivelmente os que não tiveram escolarização na idade certa não conseguiram se inserir em empregos formais pela falta do conhecimento acadêmico e certificação. É importante também, que a escola proponha projetos para qualificação dos jovens estudantes, usando sua estrutura para realizar cursos de fundamentação e palestras de conscientização sobre temáticas importantes para a sociedade.

Essas experiências merecem ser revistas, uma vez que compõem a essência da EJA; isto é, as implicações da vida profissional distante da escolarização formal. A EJA vem proporcionar discernimentos, dependendo do docente e sua clientela.

3.4.2 O que dizem os alunos

Foi preciso investigar quatro alunos da EJA na escola pesquisada, onde foram questionados sobre os motivos de estudarem na EJA.

Quadro 8: Por que você estuda na Educação para jovens e Adultos?

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	Por que preciso ajudar minha mãe no trabalho dela e por que estou um ano atrasado.
P 2	Porque parei de estudar com 15 anos e agora teve necessidade de estudar para que eu possa terminar pelo menos o ensino fundamental
P3	Pretendo terminar porque não tive oportunidade quando mais nova. Agora pretendo terminar para cursar uma faculdade.
P4	Aqui tenho nova esperança de continuar e ser alguém na vida por cursar ao menos uma faculdade.

Fonte: Alunos da EJA da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018.

Os alunos, ao serem questionados sobre os motivos de estudarem na EJA, responderam que é preciso ajudar no trabalho da mãe, por que há atraso de um ano nos estudos; além de parar de estudar aos quinze anos de idade. Informaram que pretendem terminar o ensino fundamental, para cursar uma faculdade e que tem esperanças de continuar e ser alguém.

Como pode- se perceber, são vários motivos para estudarem na EJA, com a esperança de rever o tempo perdido e a educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade própria. É uma modalidade para um público especial. Aranha (1996) aborda que:

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. [...]Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (ARANHA, 1996, p. 209):

Desta forma, educação de jovens e adulto, possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria dando oportunidade para jovens e adultos iniciar e /ou dar continuidade aos seus estudos, é portanto uma modalidade de ensino que visa garantir um direito aqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los.

A educação, sendo um direito de todos, vem inserir uma clientela para os saberes e conhecimentos sistemáticos. A próxima questão, investiga se os alunos tentaram desistir de seus estudos e quais os motivos.

Quadro 9: Já pensou em desistir de seus estudos? Por quê?

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	Nunca pensei; por que eu tenho um objetivo na vida, que é completar meu fundamental e o ensino médio e poder entrar em uma faculdade.
P 2	Já, mas agora não penso mais por que preciso continuar por que estou muito atrasado.
P 3	O momento que entrei na escola nunca pensei em desistir, estou determinada.
P 4	Já. Quando fiquei sem tempo devido o trabalho. Mas consegui continuar.

Fonte: Alunos da EJA, da EMEF Carmen Valente, em Jacareacanga – Pará/2018.

Os alunos entrevistados ao serem questionados se tentaram desistir dos estudos, responderam que sim; mas atualmente percebem que mais que nunca, precisam continuar estudando pelo atraso. Outro diz que precisa cursar uma faculdade, que há determinação, e que tentou desistir devido o trabalho. Outro afirmou que nunca pensou em desistir, que tem um objetivo na vida, que é cursar a educação básica e cursar uma faculdade.

Desta forma, percebe-se que vários são os motivos para tentarem desistir de seus estudos; porém há o consenso da necessidade de estudar e frequentarem uma escola. “Não há razão para se envergonhar por desconhecer algo, testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 1999, p. 153).

A educação consiste em uma cultura pela busca do conhecimento, sem distinção de cor, etnia, idade, religião ou condição social. Por isso, faz-se necessário estudar para o crescimento intelectual e especificamente conquistar seu espaço na sociedade. A próxima questão investiga as maiores dificuldades de estudar na EJA.

Quadro 10: Para você, quais as maiores dificuldades de estudar na EJA?

PROFESSOR	RESPOSTA
P 1	Eu não tenho muita dificuldade, ao contrário, acho bem tranquilo.
P2	.A maior dificuldade é que a gente fica muito tempo cansado devido trabalhar durante o dia todo.
P 3	Minha dificuldade maior é passar o dia trabalhando, e a noite ir pra escola, tem que ter muita determinação.
P4	Conciliar os estudos com a família e o trabalho.

Fonte: Alunos da EJA, da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018.

Os alunos entrevistados afirmaram que é o cansaço devido a jornada de trabalho durante o dia; que trabalhar durante o dia e estudar a noite que exige muita determinação; que é difícil conciliar os estudos com a família e o trabalho. Houve quem afirmasse que não tem dificuldade, e que estuda com tranquilidade.

Como pode-se verificar, que as dificuldades são inúmeras, mas que os alunos tentam a superação. Diante disto, “Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser”. (FREIRE, 2002, p.193)

A escolarização não se dá de um dia para o outro, isso requer tempo e paciência, empenho e força de vontade. Alguns alunos estão ali por que querem

aprender, recuperar o tempo perdido, estão em busca de melhores oportunidades de emprego, e almejam uma oportunidade, já que perderam muito tempo.

Os professores precisam utilizar de estratégias para uma aula que chame a atenção dos alunos, para que eles se interessem pelos estudos e que não desistam de estudar. Aliás, buscar conhecimentos sempre é vantajoso e promissor. A última questão, vem interrogar sobre os benefícios que a educação proporciona para os alunos.

Quadro 11: E os benefícios que a educação nesta modalidade lhe proporciona?

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	Proporciona que eu termine meus estudos de ensino fundamental mais cedo.
P2	É que eu posso terminar o ensino fundamental em dois anos.
P3	Novos conhecimentos, e concluindo, eu posso arrumar um emprego melhor.
P4	Nova vida. Estudos terminados em menos tempo. Por que eu aprendo muita coisa, além de me favorecer um trabalho digno.

Fonte: Alunos da EJA, da EMEF Carmem Valente, em Jacareacanga – Pará/2018

Ao tratar-se dos benefícios da educação na EJA, os alunos afirmaram que proporciona oportunidades para o ensino fundamental, especialmente em dois anos, que adquirem novos conhecimentos, que favorece a oportunidade de um trabalho digno. Mediante isto, “[...] se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feitos por outros” (FREIRE, 1987, p. 58). E essas questões exigem confiança no povo, exige que todos sejam sujeitos no processo social, que preparem-se para a sociedade.

Ao verificara questão educacional, o indivíduo não pode participar efetivamente da sociedade e de suas transformações, se não direcionado a tomar consciência da realidade a sua volta, e entender sua própria capacidade de mudá-la. As pessoas não lutam pelo que não tem entendimento, pelo que não compreendem, e a realidade só pode ser modificada quando se dá conta que esta é modificável, através de atitudes críticas e reflexivas que aprendemos na sala de aula, na escola, através do professor.

Enfim, a educação é fundamental e exerce um papel transformador nos processos formativos que se direcionam para a conquista de conhecimentos. Pode-se dizer que a EJA é construída coletivamente; em que professores e educandos trabalham juntos, deixando as desigualdades, e respeitando as diferenças, a partir das possibilidades oferecidas nas instituições. A superação dos paradigmas é um desafio enfrentado pelos educadores que assumem a responsabilidade nas propostas

que alicerces ações na construção de outros mundos possíveis, para assim, chegar-se à vitória através dos objetivos.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

De acordo com o resultado das investigações com professores e alunos da escola, buscou-se elaborar algumas propostas contribuintes para o melhor desempenho e aproveitamento nas aulas da modalidade EJA.

I. Elaborar projetos com oficinas pedagógicas.

II. Utilizar metodologias diversificadas que envolvam todos os alunos de forma interdisciplinar.

III. Proporcionar a afetividade e a empatia nos momentos letivos.

IV. Desenvolver atividades cívicas e sociais, inserindo a comunidade civil para valorização dos afazeres dos alunos.

Mediante estas propostas, almeja-se proporcionar mais incentivos aos alunos para que juntos com os professores, possam continuar em seus estudos, buscando novos horizontes. É no contexto escolar que o indivíduo torna-se consciente de seus direitos e deveres. Jovem ou Adulto percebe que a aprendizagem vai além dos conteúdos curriculares.

Diante disto, o aluno ainda concebe lições de solidariedade, cidadania, postura crítica, ativo e participativo diante de sua realidade. Incluí-lo socialmente, assegurar seu direito a uma educação que lhe foi tolhida no decorrer de sua história de vida, é contribuir para seu sucesso educacional. .

CONCLUSÃO

Este trabalho, realizado na EMEF Carmem Valente em Jacareacanga Pará, ocorreu em Outubro de 2018, através de pesquisa bibliográfica e de campo com abordagem qualitativa, com análises e coletas de dados para melhor chegar-se aos resultados, afirmou que a evasão na modalidade EJA na escola é ocorrente, tendo vários fatores contribuintes para tal.

Verificou-se que os desafios dos professores estão evidentes, já que os mesmos convivem com os alunos; e os mesmos encontram-se com problemas diversos como cansaços devido a jornadas de trabalhos diurnos, distâncias de casa à escola, problemas relativos à família, gravidez precoce, dentre outros.

Quanto às metodologias, os docentes diversificam na medida do possível, sempre primando a realidade dos alunos. A busca por algo novo em questão de estratégias é constante.

As dificuldades consistem em manter os alunos em sala de aula, mesmo com as diversidades de situações que trazem riscos de evasão, para que concebam conhecimentos necessários para sua formação, de acordo com o que a sociedade exige.

Aliás, condizentes à investigação, os perfis dos alunos que estudam na EJA, são diversos, como trabalhadores, chefes de famílias, donas de casas, adolescentes que não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa e buscam uma oportunidade com mais rapidez para recuperar o tempo perdido e assim, chegar a cursar até uma faculdade.

Os entrevistados também afirmaram que apesar das dificuldades e desafios, a EJA tem suas vantagens, pois além de superá-los, há a possibilidade de cursar em tempo reduzido de forma espacial, os cursos da educação básica, e adentrar ao curso superior. Em relação aos alunos, ao serem entrevistados sobre o “por que” de cursarem na EJA, os mesmos afirmaram que precisam recuperar o tempo perdido, que pretendem cursar o ensino fundamental e Médio para chegar ao nível superior de ensino.

Quando interrogados se tentaram desistir dos estudos, os mesmos responderam que sim; mas como precisam estudar, continuaram e estão determinados a prosseguirem. Outros disseram que não; pois, precisam recuperar o tempo perdido e EJA é uma oportunidade de cursar para melhorar de vida.

Em relação às dificuldades, os mesmos afirmaram que conciliar família, estudos e até trabalho. Que a distância também constitui um problema; pois o cansaço do dia de trabalho, desestimula a frequência para a escola.

Porém, ao serem investigados sobre os benefícios de estudarem na modalidade, responderam que consiste em concluir os cursos com mais rapidez de tempo, adquirem novos conhecimentos e a oportunidade de trabalhos dignos.

Entretanto, a EJA mesmo com os desafios com a evasão escolar, para uma nova configuração na educação profissional, principalmente na modalidade, é necessário criar condições para uma educação popular, na perspectiva de dialogar com a complexidade da sociedade.

O objetivo de educação atual é atender o sistema emergente, com uma aprendizagem conjunta, criativa, participativa que possibilite os jovens e adultos construírem, gradativamente, sua autonomia, passando a atuar criticamente na direção de superar as contradições e sendo capaz de agir nos espaços e modificar a sociedade desumanizadora.

Portanto, numa nova perspectiva de educação profissional, que acrescenta a formação inicial, e principalmente aos jovens e adultos presentes nesse espaço, deve-se compreender que é o lugar que se trabalha com diversidade sociocultural, com as diferenças num mundo de desigualdades e contra um modelo de escola e sociedade, para atender os anseios dos alunos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996

BRASIL. Conselho Estadual de educação- CEE- **Educação para Jovens e Adultos- EJA**, 2000

Brasil — Movimento **Brasileiro de Alfabetização Documento básico** MOBRL Rio de Janeiro, 1973. Educação de Adulto. 2. Alfabetização Funcional. Dispon. <http://www.dominipublico.gov.br/downlo.pdf>. Acessado em 20/03/2018.

BRASIL, **Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos** (V:1997:Hamburgo,Alemanha) Declaração de Hamburgo: Agenda para o Futuro: Brasília SESI.UNESCO: 1999.

BRASIL. Educação de Jovens e Adultos: **Proposta Curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo; Ação educativa; Brasília: MEC,1997.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. 37. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2012.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.

BRZEZINSKI. I. (org.) **LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, Rosa Malena. **Educação física escolar na educação de jovens e alunos** (Organizadora).-1.ed.-Curitiba,Pr:CRV, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

COSTA, Renato Pontes; TAMAROZZI, Edna. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

CUNHA, Maria Conceição da. **Salto para Futuro: Educação de Jovens e Adultos**; Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação Brasília, 1999.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DIAS, R. **A gente cantamos**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jul. 2013, p.A2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/07/13/2>>. Acesso em: 30 de Mar, 2013.

DI PIERRO, Maria Clara. **Balanço e Desafios das Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. São Paulo, 2005.

DI PIERRO, Maria Clara. **Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de Jovens e Adultos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.2, 2001.

FERREIRA, Maria José Vale. **Princípios políticos – pedagógicos do MOVASP.** São Paulo, MOVA – SP, caderno nº.2, Secretaria Municipal de Educação, Abril de 1990.

FERNANDEZ, Elisangela, **No Meio do Caminho Havia muitas Pedras.** Gestão Escolar Revista Nova Escola ano V, nº 27 Editora Abril, Fundação Victor. 2011

FONSECA, Maria da Conceição F. R **Educação Matemática de jovens a adultos: especificidades, desafios e contribuições 3. ed. Belo Horizonte; Autentica Editora, 2012.** (Coleção tendências em Educação Matemática)

FREIRE, P. **Conscientização teoria e prática de libertação.** São Paulo. Cortez e Moraes, 1979

FREIRE. **Leitura do Mundo Leitura da palavra.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários às práticas educativas,** São Paulo: Paz na Terra, 1996.

FREIRE, M. **Rotina-Construção do tempo na relação pedagógica.** São Paulo: Espaço Pedagógico. 1998.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da práxis.** São Paulo: Cortez/instituto Paulo Freire, 1999

FREIRE. Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** 28. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. Educação como Prática da Liberdade. 28. Ed. rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Práticas e Propostas.** 10. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

GARCIA. R. L. **Formação de professoras alfabetizadoras: reflexões sobre uma prática coletiva.** In: - (org.) **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas. 2002.

HADDAD, Sergio, **Entrevista Gestão Escolar,** Revista Nova Escola, ano V nº 27. Fundação Victor, Editora Abril, 2013.

HADDAD, Sérgio. **A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB.** In:

JANNUZZI, Gilberta S. de Martino. **Confronto pedagógico: Paulo Freire MOBREAL.** São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.

MARINHO, Roberto. **Quem Somos.** 1998--Disponível em: <http://editoraglobo.com> e www.infoglobo.com.br Acesso em 30 de mar, 2019 .

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **O inteligente e o estudado Alfabetização e Escolarização e Competência entre Alunos de Baixa Renda.** Revista da Faculdade de Educação vol. 13 – São Paulo (1987).

PAIVA, Jane. **Educação Popular - Educação de Adultos.** Edições Loyola, São Paulo, 1987.

PERRENOUD, P. **“Construir competências é virar as costas aos saberes?”** In: Revista Pátio, Porto Alegre: ARTMED, ano 03, nº 11, jan. 2000 (p. 15-19)

PIERRO, Maria Clara Di. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de Jovens e adultos no Brasil.** Educ. Soc, Campinas , vol. 26, n. 92, p. 1115 – 1139, Especial – Out. 2005 1135. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 22 de Janeiro de 2019.

QUEIROZ, Cristina Stephno de. **A hora dos Adultos:** Revista Escola pública ano VI nº33 junho/julho. Editora segmento -2013.

RIBEIRO, Vera M. M. **Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental.** São Paulo: Ação Educativa, 2012.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Joicy Marins Araújo. **EJA: 6º ao 9º ano: geografia. Manual do educador.** 3ª ed. São Paulo: IBEP, 2013. (coleção tempo de crescer)

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos teoria e prática.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SCOZ, B **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e da aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOARES, Leônicio Soares. **Educação de Jovens e Adultos: O que revelam as pesquisas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOAREZ, Batista. **LDB fácil: Nova LDB comentada – atualizada com questões de concurso,** Ezequiel Sales e Silva 7ª ed. São Paulo: Visão Global Editora/arte Editorial, 2012.

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata.** 4, ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JANNUZZI, Gilberta S. de Martino. **Confronto pedagógico: Paulo Freire MOBREAL.** São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado: “EVASÃO ESCOLAR NA EJA”

QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES

Identificação:

*Sexo: _____ Idade: _____

*Graduação: _____

*Pós- Graduação: _____

*Quantos anos trabalha nesta escola? _____

* Você trabalha em qual ou quais disciplinas? _____

*Já trabalhou em outra instituição de ensino? _____

1- Para você, qual as vantagens da Educação Para jovens e Adultos?

2- Quais os desafios de trabalhar nesta Modalidade de Ensino?

3- Quais as principais causas que induzem os alunos a abandonarem os estudos?

4- Quais os desafios dos professores com relação à Evasão Escolar na EJA?

5- Trace o perfil do aluno da EJA.

6- Quais metodologias você utiliza para as aulas da EJA?

7- Do seu ponto de vista, quais medidas são viáveis para evitar a evasão escolar na EJA?

Obrigada!



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado: “EVASÃO ESCOLAR NA EJA”

QUESTIONÁRIOS PARA OS ALUNOS

Identificação:

Sexo: _____ Idade: _____

Estuda qual Etapa da EJA?: _____

Profissão: _____

1- Por que você estuda na Educação para jovens e Adultos?

2- Já pensou em desistir de seus estudos? Por quê?

3- Para você, quais as maiores dificuldades de estudar na EJA?

4- E os benefícios que a educação nesta modalidade lhe proporciona?

Obrigada!